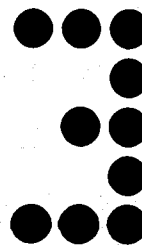
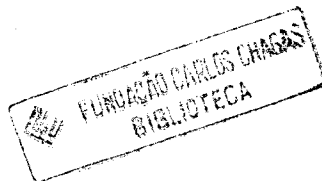


# CADERNOS DE PESQUISA



## LEVANTAMENTO DE OPORTUNIDADES OCUPACIONAIS E ESCOLARES PARA DEFICIENTES AUDITIVOS

MARIA AMÉLIA AZEVEDO GOLDBERG

### Equipe de Pesquisa

Marisa Todescan Dias da Silva Baptista — Supervisora dos trabalhos de campo e responsável direta pela dicionarização das informações coletadas.

Maria Rosemary Coimbra Campos e Augusto Luiz Rodrigues — Alunos de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo e pesquisadores responsáveis pela coleta da maioria dos dados obtidos.

### Assessores Técnicos

Marco Antonio Pimentel — Estatístico responsável pelo plano e controle do processo de amostragem empregado na pesquisa.

Cláudia Lemos — Linguísta responsável pelo estabelecimento dos níveis de comunicação oral para caracterização diferencial do deficiente auditivo.

Mauro Spinelli — Médico foniatra responsável pela determinação das contra-indicações médicas ao exercício profissional do deficiente auditivo.

# **PUBLICAÇÕES DE PESQUISA**

da Fundação Carlos Chagas

## **CADERNOS DE PESQUISA**

1. "A Pesquisa Educacional no Brasil" — Aparecida Joly Gouveia.
2. "Alfabetização: Um problema Interdisciplinar" — Ana Maria Poppovic.
3. "Levantamento de Oportunidades Ocupacionais e Escolares para Deficientes Auditivos" — Maria Amélia Azevêdo Goldberg.

## **SÉRIE PESQUISAS EDUCACIONAIS**

1. Estudo de Algumas Características Sócio-Culturais de Candidatos ao Ingresso em Escolas de Nível Superior — A. Ribeiro Netto, Leila Lopes de Camargo, Maria Helena Mendonça Coelho.
2. Estudos de Predição do Comportamento Acadêmico: I. Faculdade de Medicina Veterinária da U.S.P. — Carmen Lúcia de Melo Barroso, A. Ribeiro Netto, Maria Helena Mendonça Coelho.
3. Os Tecnocratas (Estudo dos Candidatos ao Concurso de Técnico de Tributação do Ministério da Fazenda) (Relatório Preliminar) — Carmen Lúcia de Melo Barroso.
4. O Madureza em São Paulo. — Carmen Lúcia de Melo Barroso, Lólio Lourenço de Oliveira.
5. O Emprego Público e o Diploma de Curso Superior — Aparecida Joly Gouveia.
6. Candidatos ao Concurso Vestibular da Área Biológica em São Paulo. — Lólio Lourenço de Oliveira e colab. (no prelo).

## **SÉRIE PROFISSÕES**

1. Química — Celso de Rui Beisiegel
2. Física — Celso de Rui Beisiegel
3. Psicologia — Sylvia Leser de Mello Pereira
4. Geologia — Ana Mércia Marques Silva

---

## **CADERNOS DE PESQUISA**

Publicação do Setor Editorial da Fundação Carlos Chagas - Editor responsável: Lólio Lourenço de Oliveira - Conselho Editorial: Adolpho Ribeiro Netto, Ana Maria Poppovic, Aparecida Joly Gouveia, Bernardete Angelina Gatti, Carmen Lúcia de Melo Barroso, Heraldo Marelim Vianna, Maria Amélia Azevêdo Goldberg, Nicia Maria Bessa - Colaboração: Os Cadernos de Pesquisa aceitam, para publicação, artigos e noticiário sobre pesquisas em andamento no campo da educação. A matéria de colaboração deve ser encaminhada ao Responsável pelo Setor Editorial, datilografada em duas vias, com espaço duplo, acompanhada de informações sucintas sobre o autor e a instituição junto à qual realizou a pesquisa. A colaboração será apreciada pelo Conselho Editorial que aprovará, ou não, a sua publicação. Os originais de colaboração não serão devolvidos. - Capa: Derli Barroso - Composição e Impressão: Oficinas Gráficas da Fundação Carlos Chagas.

## **INTRODUÇÃO**

O trabalho que compõe este terceiro número do CADERNOS DE PESQUISA, realizado pela Dra. Maria Amélia Azevêdo Goldberg, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pesquisadora Associada da Fundação Carlos Chagas, apresenta grande interesse para quem atua na área da orientação vocacional e é de especial importância para os que "têm a seu cargo a responsabilidade pelo processo de escolha vocacional de deficientes auditivos".

Partindo de posições bem definidas sobre a importância e a natureza da orientação vocacional dos deficientes auditivos, a autora realizou rigoroso levantamento das oportunidades existentes nas áreas do estudo e do trabalho, adequadas a essa população.

Pesquisas como essa, com vistas à solução de problemas concretos, têm lugar de importância no grande campo aberto à investigação em educação.

Por um lado, sua realização apresenta resultados, cuja aplicação imediata é de evidente utilidade e que, além disso, podem motivar investigações subseqüentes a respeito de aspectos relevantes do problema enfocado.

Por outro lado, a atitude científica de busca de soluções racionais para um problema imediato, através de procedimentos rigorosos e utilização de dados objetivos, certamente estimulará os que planejam e administram a vida educacional, em seus vários níveis, a superar a tendência opinativa ou dogmática pela qual, muitas vezes, chegam às suas decisões.



## A P R E S E N T A Ç Ã O

Este trabalho representa uma condensação do relatório original de pesquisa que encaminhamos à publicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A pesquisa resultou da conjugação de esforços de dois organismos — Departamento de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação da PUCSP (DERDIC) e Centro de Integração Escola-Empresa (CIE-E) de São Paulo — e das atividades desenvolvidas nos anos de 1969 e 1970 por uma equipe de pesquisa, responsável pela elaboração e execução do projeto que ora divulgamos. Essa equipe foi contratada pelo DEDIC, com a colaboração financeira do CIE-E.

A pesquisa foi elaborada pensando no trabalho de todos aqueles que, direta ou indiretamente, têm a seu cargo a responsabilidade pelo processo de escolha vocacional dos deficientes auditivos.

O relatório final compreende quatro partes:

I — Em que abordamos a problemática do como e do porquê da Orientação Vocacional para deficientes auditivos.

II — Em que relatamos os procedimentos seguidos na pesquisa propriamente dita.

III — Em que apresentamos os resultados da pesquisa, sob a forma de:

1) INFORMAÇÕES PROFISSIONAIS, isto é, informações sobre profissões ou ocupações possíveis para o deficiente auditivo.

Essas ocupações levantadas foram classificadas, de acordo com os seguintes critérios: a) ramo de atividade econômica; b) família ocupacional; c) nível de formação profissional; e arroladas e descritas num Dicionário ocupacional.

2) INFORMAÇÕES ESCOLARES, isto é, informações sobre cursos profissionalizantes existentes no Estado de São Paulo (excluindo-se os de nível superior).

Esses cursos que, em última análise, poderiam representar oportunidades escolares para o deficiente auditivo foram também classificados de acordo com os seguintes critérios: a) área de ensino profissional; b) entidade responsável pela manutenção ou fiscalização; c) modalidade; e arrolados e descritos num Catálogo de cursos.

IV — Em que sumariamos as conclusões.

A presente publicação, sendo um extrato do relatório original, vai incluir também quatro partes:

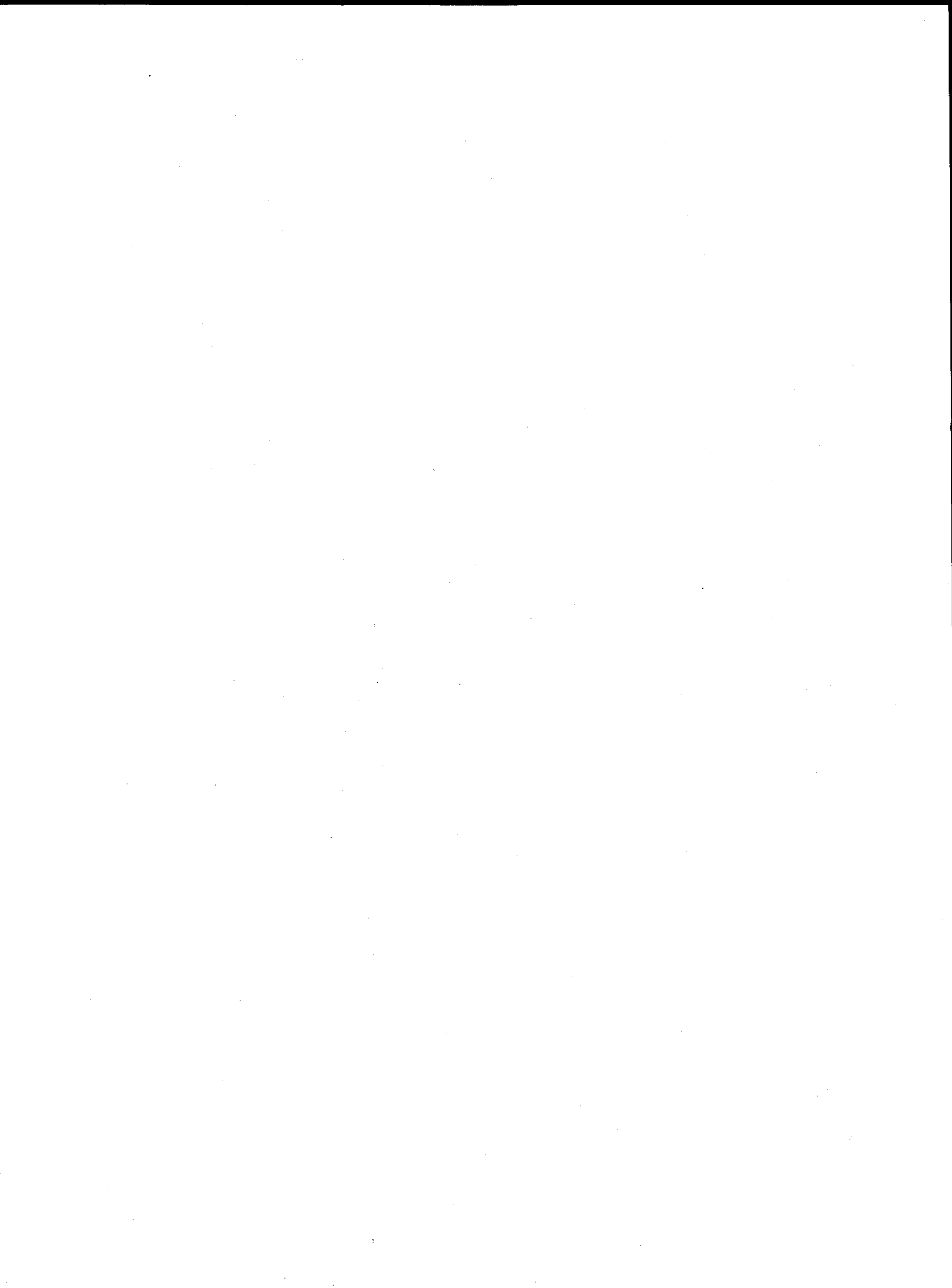
I — Em que vamos situar o problema da Orientação Vocacional para deficientes auditivos.

II — Em que vamos descrever a pesquisa realizada.

III — Em que vamos apresentar os resultados a que chegamos, em termos das informações profissionais e informações escolares. Dados os limites de uma publicação como esta, não nos será possível incluir o Dicionário ocupacional, nem tão pouco o Catálogo de cursos, pois o primeiro inclui cerca de 323 profissões e o segundo, cerca de 119 cursos. Limitar-nos-emos a apresentar as classificações a que chegamos tanto em nível de profissões, como de cursos profissionalizantes.

IV — Em que discutiremos os resultados obtidos.

Embora os dados que levantamos sejam volumosos e promissores, devem ser considerados apenas como um ponto de partida. Novos estudos são necessários não só porque a prática deverá confirmar ou não o que aqui levantamos em termos de "possibilidades de encaminhamento profissional", como porque, no Brasil, ainda temos muito que caminhar em direção a uma integração social dos deficientes auditivos.



## PARTE I

### CONSIDERAÇÕES GERAIS

#### A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL PARA DEFICIENTES AUDITIVOS

##### 1. IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

A Orientação Vocacional tem sido conceituada, modernamente, como a assistência profissional, prestada a indivíduos, na escolha de cursos e/ou profissões. Sua importância decorre da importância cada vez maior que se atribui hoje à problemática da escolha profissional.

Ora, essa importância é dupla:

- a) subjetiva, isto é, para o indivíduo que escolhe;
- b) objetiva, isto é, para a sociedade inclusiva.

Tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, a escolha vocacional tem um valor instrumental. Através dela, ambos procuram garantir certas conseqüências desejáveis, que são, no primeiro caso, a satisfação no trabalho e, no segundo caso, a produtividade social. Todavia, não é qualquer escolha profissional que será capaz de garantir essas conseqüências. Para sê-lo, há necessidade de tratar-se de uma escolha crítica, de uma escolha cientificamente controlada, por oposição a uma escolha ingênua, a uma escolha empírica. Daí, pois, a importância e a necessidade da Orientação Vocacional como processo que, tendo como objeto a escolha vocacional, tem como objetivo um certo tipo de escolha vocacional: a escolha racional e responsável de uma profissão.

Mas, justificada assim a importância da Orientação Vocacional para indivíduos normais, estariam justificadas, também, sua necessidade e importância para os deficientes auditivos? E' o que nos propomos discutir agora.

##### 2. IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL PARA DEFICIENTES AUDITIVOS

A primeira questão que se levanta é a da possibilidade da própria Orientação Vocacional para deficientes auditivos. Com certas adaptações em termos de técnicas, a Orientação Vocacional é um processo perfeitamente possível de ser realizado com o deficiente auditivo, desde que o consideremos não como um "excepcional" mas como um indivíduo que pode e deve ser considerado "normal", com limitações apenas em certas áreas. Como escreveu Kaye, "é difícil, é muitas vezes embaraçoso, exceto em situações extremas, tentar separar a criança normal e a excepcional. Provavelmente, não há nenhuma criança que seja completamente "normal" em todos os aspectos, assim como há muito poucas crianças totalmente "incapazes". O que existe, de fato, é uma gama enorme de capacidades e habilidades com nenhuma linha precisa separando o normal do excepcional. Portanto, é necessário que evitemos encarar as crianças que sofrem de limitações físicas e/ou mentais como um grupo à parte, distinto e identificável como tal" (1).

Aliás, se não bastasse essa certeza teórica para garantir a possibilidade de Orientação Vocacional com deficientes auditivos, as experiências que vêm sendo tentadas no mundo inteiro, bastariam para convencer-nos (\*).

Se, pois, a Orientação Vocacional com deficientes auditivos é uma realidade, cabe-nos discutir agora sua legitimidade. Quer-nos parecer que duas são as justificativas que poderíamos invocar para mostrar não só sua necessidade mas, até mesmo, sua indispensabilidade no caso de deficientes auditivos.

Trata-se de justificativas: uma de ordem individual e outra de ordem social.

### A — De Ordem Individual

A Orientação Vocacional tem, por sua própria natureza, a função de aumentar o grau de Informação do Orientando, tando sobre si mesmo, como sobre o mundo social-econômico. Se é verdade que, no caso de pessoas normais, o ajustamento ocupacional depende não só de fatores físicos, psicológicos, sociológicos e econômicos, mas também

(\*) Entre aquelas de que temos conhecimento, poderíamos lembrar:

- a) experiência francesa — cf. especialmente os nos. 19, 59 e 61 da Revista *Réadaptation*, publicação do Bureau Universitaire de Statistique et de Documentation Scolaires et Professionnelles, BUS, France.
- b) experiência inglesa — cf. especialmente Montgomery, G.W.G. — *Vocational Guidance for the Deaf*, London and Edinburgh, Livingstone Ltd., 1967.
- c) experiência americana — cf. especialmente Blish, S. — *A Survey of the results of the education and guidance program of the Clark School for the deaf* — International conference on oral education of the deaf, June, 1967; e Helton, T. — *Guidance Services at Indiana School for the Deaf*, in Fusfeld I. S. — *A Handbook of Readings in Education of the Deaf and Post school Implications*, Illinois, Charles C. Thomas Publ. 1967 — cap. XIII, p. 181/184.
- d) experiência japonesa — cf. especialmente Niwa, S. L. — *Opportunities for Deaf Trainees in the regular community* — International Research Seminar on Vocational Rehabilitation of Deaf Persons, Washington, June, 1968.
- e) experiência brasileira — cf. especialmente Cervellini, Alvaír P.; Bueno Silveira, J. G.; Goldberg, M. Amélia A.; e Silva Baptista, Marisa T. D. — *A Orientação Vocacional para Deficientes Auditivos* — I Congresso Brasileiro de Foniatria, RJ, setembro de 1970 e I Congresso Brasileiro Orientação Vocacional — Brasília — Novembro de 1970 (publicado em *Educação Hoje* (14), março-abril de 1971).

de informação ocupacional e diagnóstica, no caso do deficiente auditivo, essa informação assume um valor crítico porque, para ele, é extremamente difícil uma mudança de ocupação. Ocorre que, exatamente para ele, é muito difícil conseguir essas informações por seus próprios meios. A deficiência auditiva “coloca uma barreira à capacidade do sujeito de informar-se, acabando por insulá-lo de muitas experiências ou profissões e profissionais” (2).

O próprio processo de educação do deficiente, porém, não bastaria para dar-lhe as informações de que carece, sem necessidade de um serviço especializado como o de Orientação Vocacional? Parece-nos que não. É o próprio Fusfeld, já citado, que responde, apontando as limitações da escola, nesse sentido. “Se frequenta um internato, a criança deficiente auditiva só entra em contato com as profissões abraçadas pelos membros do “staff”. Se frequenta classes especiais, dificilmente conhecerá um adulto com deficiência auditiva. Com tudo isso, é muito difícil que, somente com o ambiente escolar, uma criança possa desenvolver uma imagem de si mesma como um adulto, deficiente auditivo, que trabalhe e tenha, pois, interesse em fazer alguma escolha vocacional... Um terceiro fator na limitação da escolha profissional dos deficientes auditivos reside na maneira pela qual conseguem seus empregos. Muitos se formam profissionais, só porque a ocupação lhes foi ensinada na escola com base na justificativa de que outros deficientes auditivos ganham a vida com ela... As verdadeiras capacidades do indivíduo recebem menor atenção do que as considerações práticas a respeito das oportunidades existentes” (3).

Portanto, na ausência da Orientação Vocacional, a escolha de uma profissão pelo deficiente auditivo é uma escolha necessariamente restrita. Ela se apóia em informações deficitárias e geralmente segue a linha de menor resistência que conduz, não a trabalho, mas a um emprego e que, portanto, cai facilmente no mecanismo de executar uma ocupação em troca de um pagamento.



Logo, a Orientação Vocacional é necessária para que o deficiente auditivo possa chegar a uma **colocação vocacional**, "isto é, a uma colocação que tenha para ele uma conotação de "chamado", porque não só é um **serviço social, legítimo e necessário**, que ele está em condições de apreciar de forma realista, como porque está de acordo com seus interesses, limitações, habilidades e necessidades, que ele também está em condições de avaliar objetivamente. Escolhendo uma profissão, o indivíduo responde a um chamado para oferecer uma contribuição especial à sociedade. Fazer com que um deficiente abrace uma profissão para a qual não se sente chamado é impedi-lo de dar uma resposta" (4).

Mas, além disso, a Orientação Vocacional é importante para o deficiente porque procura, assistindo-o numa escolha racional e responsável, protegê-lo da instabilidade ocupacional e, assim, garantir-lhe uma independência econômica suficiente para assegurar "a manutenção de si próprio e de sua família, exatamente como todo homem o faz" (5).

#### B — De Ordem Social

Do ponto de vista do desenvolvimento social, convém assinalar que os programas de Orientação Vocacional para deficientes auditivos são estratégias importantes numa política de preparação de recursos humanos. Através deles, procura-se garantir a inserção cuidadosa, no mercado de trabalho, de contingentes populacionais que, doutra forma, poderiam permanecer marginalizados, onerando a população economicamente ativa. Como a Orientação Vocacional busca levar o deficiente auditivo a uma "colocação vocacional" e não simplesmente a uma colocação empregatícia, são maiores suas possibilidades de garantir satisfação profissional e, portanto, maior eficiência no trabalho. Pode-se, pois, afirmar que a Orientação Vocacional de deficientes auditivos contribui também para o aumento da produtividade social.

Justificada a importância e necessidade da Orientação Vocacional para deficientes auditivos, restaria agora examinar suas bases filosóficas.

### 3. FILOSOFIA DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL PARA DEFICIENTES AUDITIVOS

Sabemos que a Orientação Vocacional para deficientes auditivos é uma possibilidade. Mas sabemos também que ela tanto **pode ser o que não deve ser**, como **pode ser o que deve ser**.

Parece-nos que ela **não deve ser** uma Orientação paternalista, que vê no deficiente um objeto apropriado de simpatia ou caridade. Ora, sabemos que o deficiente auditivo "não necessita de caridade, mas, sim, de uma oportunidade para tornar-se um membro auto-suficiente e auto-responsável da comunidade" (6). A Orientação Vocacional de que o deficiente auditivo necessita não é uma Orientação comprometida com visão negativa do deficiente, que o define como um carente a exigir sempre assistência e proteção. Em uma palavra: a Orientação Vocacional que convém a um deficiente auditivo não é uma Orientação assentada numa filosofia de tipo filantrópico-assistencial.

Qual será então a Orientação Vocacional que convém ao deficiente auditivo?

Parece-nos que ela deve ser uma Orientação **instrumental** que veja no deficiente auditivo um sujeito capaz de assumir responsabilidades, capaz de autonomia. A Orientação Vocacional que convém é, pois, uma Orientação comprometida com uma visão positiva do deficiente a quem se deve assegurar condições de auto-promoção, de auto-desenvolvimento. Essa Orientação Vocacional comprometida com o ideal de independentização do orientando procurará, por todos os meios a seu alcance, enfatizar suas **capacidades e não suas incapacidades**. Trata-se, pois, de uma Orientação Vocacional que está a serviço da autonomia do orientando e que assenta numa confiança básica em suas possibilidades de desenvolvimento e auto-afirmação, desde que lhe sejam asseguradas as indispensáveis condições de educação.

Essa a filosofia que professamos. Foi ela que presidiu o nascimento e evolução da presente pesquisa.

## PARTE II

### A PESQUISA

#### LEVANTAMENTO DE OPORTUNIDADES OCUPACIONAIS E ESCOLARES PARA DEFICIENTES AUDITIVOS

##### 1. OBJETIVOS DA PESQUISA

Ela nasceu com o intuito principal de assegurar para o deficiente auditivo, uma **diversificação maior no leque das oportunidades profissionais tradicionalmente consideradas apropriadas para eles**. Exatamente porque temos do deficiente uma **visão positiva e otimista**, sentíamos que era necessário romper com o peso da tradição e ter a coragem de tentar, com o deficiente auditivo, soluções vocacionais praticamente inéditas. Sentíamos, ainda, a urgência de encontrar, para o deficiente, alternativas de trabalho dentro das possibilidades oferecidas pelos progressos tecnológicos, em vez de simplesmente encaminhá-lo para as já consagradas ocupações artesanais, por exemplo, e, quando estas se tornassem totalmente anacrônicas, por força da automação, procurar remediar a situação, acionando dispositivos de previdência social.

Em uma palavra: sentíamos a **urgência de uma abertura de perspectivas profissionais para o deficiente auditivo, que lhe possibilitasse exercer de forma satisfatória e produtiva o direito de trabalhar**.

Para responder a esse desafio, realizamos a presente pesquisa. É significativo observar que, quando começamos, tínhamos em mãos apenas uma lista de 50 ocupações consideradas pelos Drs. Perello e Tortosa (7), como indicadas para o deficiente auditivo. Através de nossa pesquisa, arrolamos 323 ocupações possíveis.

Por isso, acreditamos que esta pesquisa tem um sentido de **convocação e de luta**.

**Convocação para que se tenha a coragem de ousar**. Ousar, não no sentido futurista e romântico de levar o orientando a trilhar novos caminhos vocacionais só porque são **novos** para ele. Ousar, isto sim, no sentido de dar a cada deficiente auditivo uma oportunidade responsável de "navegar contra a corrente e assim atingir aquela parte do rio na qual as águas são mais refrescantes ou, pelo menos, mais serenas" (7).

Ousar, ainda, no sentido de alimentar expectativas mais altas acerca do que o deficiente auditivo é capaz de fazer. Quando os progressos das técnicas de habilitação e reabilitação já se fazem sentir no mundo todo, não estaremos nós alimentando um nível de expectativas baixo demais para a realidade de hoje? É preciso lembrar, que sempre que encaminharmos um deficiente auditivo para um trabalho abaixo de sua capacidade estaremos **impedindo-o de crescer!**

Por outro lado, a pesquisa tem, ainda, um sentido de **luta**, uma vez que é preciso congregiar esforços para fazer, de cada oportunidade apontada como compatível com a **deficiência auditiva, uma possibilidade real**.

Luta, ainda, a fim de detectar para o deficiente auditivo, oportunidades de trabalho, sempre novas, sempre melhores.

Luta, finalmente, para assegurar, ao deficiente auditivo, níveis de **qualificação profissional cada vez mais atualizados e superiores**. Como se pode perceber, a luta tornar-se-á mais fácil, à medida que forem aumentando os casos de colocação bem sucedi-

da, de "colocação vocacional" de deficientes auditivos dentro do atual mercado de trabalho. Isso exige que as instituições ora responsáveis pela educação e assistência ao deficiente auditivo assumam urgentemente um novo desafio: o de responder pela colocação e seguimento do deficiente auditivo no trabalho. Só a assunção dessa nova responsabilidade poderá garantir um aproveitamento racional de dados como os que esta pesquisa oferece, contribuindo ao mesmo tempo para a implantação de uma nova política efetiva de promoção profissional do deficiente auditivo.

Não ignoramos ser esta uma tarefa árdua que vai exigir ampla concentração de recursos.

Acreditamos, porém, que o investimento será compensador.

Essas as razões porque gostaríamos que os resultados de nossa pesquisa fossem apreciados, não numa perspectiva puramente especulativa, mas sim numa perspectiva programática de ação.

Cumpramos ainda assinalar que, além das oportunidades ocupacionais, decidimos levantar também as oportunidades de formação profissional existentes em São Paulo e que preparariam para muitas das profissões indicadas para o deficiente auditivo. Consideramos que essas informações poderiam ser úteis tanto no caso de se pretender encaminhar o deficiente auditivo para uma escola comum, de caráter profissional, como no caso de se pretender montar cursos profissionalizantes em instituições especializadas de educação ou reabilitação de deficientes auditivos.

Julgamos necessário, também, cadastrar as instituições visitadas, a fim de facilitar futuros encaminhamentos profissionais de deficientes auditivos.

Nossa pesquisa foi concebida, portanto, com o objetivo básico de conseguir uma diversificação maior no mercado de oportu-

nidades profissionais para os deficientes auditivos. Esse objetivo geral implicou em alguns objetivos mais específicos, quais sejam :

- a) levantar ocupações que, dentro da cidade de São Paulo, pudessem ser exercidas pelo deficiente auditivo no campo da indústria, comércio, bancos e financeiras, serviço público (\*);
- b) elaborar, para cada ocupação, uma ficha profissional contendo o perfil psico-social da profissão, reunindo, depois, todas essas fichas em um dicionário ocupacional;
- c) levantar os cursos profissionais existentes que preparam para as ocupações indicadas;
- d) elaborar, para cada curso, uma ficha de curso contendo as informações necessárias para caracterizá-lo de forma específica, reunindo, depois, todas essas fichas em um catálogo de cursos;
- e) organizar um cadastro de firmas visitadas.

## 2. METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa pode ser caracterizada como um levantamento de tipo exploratório, isto é, "como um passo inicial num contínuo processo de pesquisa... Ocasionalmente, verifica-se uma tendência a subestimar a importância de pesquisas exploratórias, considerando-se apenas o trabalho experimental como 'científico' "(9). Todavia, sua necessidade é indiscutível sempre que o campo de estudo for relativamente inexplorado, como é nosso caso.

A pesquisa teve a duração de dois anos (1969-1970) e desenvolveu-se em três etapas: etapa preliminar, etapa de trabalho de campo, etapa de tratamento dos dados.

(\*) Deixamos de lado o campo das atividades primárias (agricultura, mineração, etc.) por ser pouco expressivo na cidade de São Paulo. No caso do Serviço Público deixamos de lado o Federal, por impossibilidade de ir ao DASP.

## 2.1. Etapa Preliminar

Esta primeira etapa consistiu em:

1.º) definição dos informantes. No caso do serviço público: responsáveis pelo DAPE (Departamento de Administração Pública Estadual) e DAMU (Departamento de Administração Municipal); no caso da indústria e comércio, bancos e financeiras: os próprios empregadores (ou seus representantes: chefes de setor de pessoal, gerentes, etc.);

2.º) levantamento de fontes básicas para obtenção dos dados necessários. Isso significou:

- a) no âmbito do serviço público — entrevistas nos Departamentos de Administração Estadual e Municipal para levantamento da legislação referente a trabalho de excepcionais, familiarização com a legislação Estadual e Municipal de Classificação de cargos;
- b) no âmbito da Indústria — acesso ao cadastro de firmas existentes na cidade de São Paulo e pertencente ao SENAI, para extração da amostra de empresários a serem consultados;
- c) no âmbito de comércio — idêntico trabalho junto ao SENAC;
- d) no âmbito de bancos e financeiras — acesso a publicações especializadas para levantamento do universo.

Também dessa etapa fez parte a elaboração do instrumental da pesquisa:

1.º) Caracterização da deficiência auditiva, do ponto de vista dos níveis de comunicação oral. Essa caracterização foi elaborada pela Prof.ª Cláudia Lemos, responsável pelo Departamento de Linguística Aplicada do DERDIC. Com base em exame também de sua autoria e usando critérios lingüísticos,

chegou a Prof.ª Cláudia Lemos a elaborar 5 níveis de comunicação oral, suscetíveis de caracterização diferencial, tanto do ponto de vista da emissão, quanto da recepção.

2.º) Determinação das contra indicações médicas ao exercício profissional do deficiente auditivo. Foram levantados dois grupos de contra indicações: as relacionadas com a **segurança física no trabalho** e as relacionadas à **conservação da audição**. Esse trabalho ficou a cargo do Dr. Mauro Spinelli, médico foniatra e Diretor do DERDIC.

3.º) Elaboração dos instrumentos para coleta de dados. Foram eles:

- a) **Ficha Cadastral**, contendo dados relativos à empresa visitada (nome, endereço, categoria, etc.);
- b) **Ficha Profissional**, contendo dados relativos às ocupações indicadas para o deficiente auditivo (nome, local em que é desempenhada, características das atividades, qualidades pessoais necessárias, etc.);
- c) **Roteiro de entrevistas com informante** (colocação dos objetivos da pesquisa, das características do deficiente auditivo, levantamento de ocupações indicadas, etc.);
- d) **Ficha de Curso**, contendo dados relativos a escolas e cursos técnicos (nome, endereço, modalidade, finalidade, etc.).

Dessa etapa, fez parte, ainda, o treinamento dos pesquisadores. Uma vez que nos interessava não uma opinião pura e simples dos informantes sobre uma possibilidade concreta de trabalho para o deficiente auditivo, mas sim uma resposta bem fundamentada, tornava-se necessário preparar o pesquisador para fornecer ao entrevistado os necessários subsídios teóricos. Daí termos dedicado sempre algum tempo a familiarizar cada pesquisador com a problemática do deficiente auditivo em geral. Além disso, ele era informado

das contra indicações médicas, devendo estudá-las para poder discuti-las com o entrevistado. Da mesma forma, e com a mesma finalidade, estudava a classificação dos níveis de comunicação oral, ouvia e discutia com a supervisora de pesquisa as gravações consideradas típicas de cada nível. Nosso objetivo inicial era que o pesquisador levasse a gravação dos níveis até o entrevistado, para que a discussão das ocupações compatíveis se fizesse com o maior esclarecimento possível por parte do empregador. Porém, as condições de realidade (tempo que o entrevistado dispunha, condições de local da entrevista, etc.) cedo demonstraram a inviabilidade de nosso projeto. Consideramos, então, que o melhor seria treinar bem o pesquisador nesse terreno.

## 2.2. Etapa de Trabalho de Campo

### 2.2.1. Levantamento de oportunidades ocupacionais

#### 2.2.1.1. No Serviço Público

O trabalho de campo:

1.º) No âmbito Municipal, consistiu em entrevistar os responsáveis pelo setor de pessoal do DAMU, para levantar, a partir da legislação específica, o rol de ocupações compatíveis com a deficiência auditiva e preencher, para cada uma delas, a respectiva **Ficha Profissional**. No primeiro caso, a legislação básica foi:

- a) a Lei n.º 5.690 de 08/02/60, que dispõe sobre "nomeação ou admissão de surdos-mudos para cargos ou funções públicas, cujo desempenho seja compatível com a deficiência de que forem portadores";
- b) o Decreto n.º 6.303 de 03/12/65, que "regulamenta a Lei n.º 5.690 de 08/02/60". Tomamos ainda como base dois Decretos Municipais: a) Decreto n.º 7.099 de 25/07/67 e b) Decreto n.º 7.895 de 14/01/69 que estabeleceram padrões de eficiência para extranumerários diaristas e mensalistas, respectivamente.

2.º) No âmbito Estadual, consistiu em entrevistar a responsável pelo setor de pessoal do DAPE, para levantar o rol de ocupações compatíveis com a deficiência auditiva e preencher para cada uma delas a respectiva **Ficha Profissional**. No caso do serviço público estadual, a legislação específica consultada não trazia, como no caso Municipal, nenhuma lista taxativa de ocupações compatíveis, mas dizia respeito às formas de admissão de deficientes no serviço público estadual.

Os textos básicos de que nos valemos foram:

- 1) Decreto n.º 41.981, de 03/06/63 — Art. 30, § único;
- 2) Decreto n.º 42.850, de 30/12/63 — Seção V, Art. 25 a 37;
- 3) Lei 10.261, de 28/10/68: (Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado) Cap. XII, Art. 47, VI, § único.

Os dois primeiros dispõem sobre formas de provimento não efetivo dos cargos e o terceiro sobre casos de nomeação em caráter efetivo.

Para a caracterização das ocupações arroladas, consultamos o Plano Estadual de Classificação de Cargos e a "Lei da Paridade" (Decreto-Lei Complementar n.º 11, de 02/03/70).

#### 2.2.1.2. No âmbito de Bancos

Nossos pesquisadores visitaram todas as firmas bancárias existentes na cidade de São Paulo (\*). Foram visitadas 82 empresas.

#### 2.2.1.3. No âmbito de Financeiras

Nossos pesquisadores visitaram 51 das 233 firmas existentes na cidade de São Paulo. Pretendíamos visitar todas, mas como as informações colhidas estavam se repetindo muito, decidimos limitar-nos a esse número.

(\*) Matrizes de estabelecimentos bancários.

### 2.2.1.4. No âmbito da Indústria

Procedemos por amostragem estatística. Segundo dados do SENAI, 1968 (\*), há na Capital cerca de 24.050 indústrias de tamanho variável. Segundo o SENAI, essas indústrias estão classificadas em 19 grupos industriais:

- 1) Alimentação
- 2) Vestuário
- 3) Construção e Mobiliário
- 4) Urbanas
- 5) Extrativas
- 6) Fiação e tecelagem
- 7) Artefatos de couro
- 8) Artefatos de borracha
- 9) Joalheria, lapidação e cinzelação
- 10) Químicas e farmacêuticas
- 11) Papel, Papelão e Cortiça
- 12) Gráficas
- 13) Vidros, cristais, espelhos, louça, cerâmica

- 14) Mecânica e de material elétrico
- 15) Artefatos de cortiça, brinquedos e colchoaria
- 99) Não especificadas (não pertencentes a outros grupos)
- T) Transporte
- C) Comunicação
- P) Pesca

Tomamos como critério de tamanho o número de empregados (dados SENAI) e estabelecemos para cada grupo (\*\*) as seguintes classes:

- 0 |—— 20 emp. (peq. indústria)
- 20 |—— 50 emp. (peq. indústria)
- 50 |—— 100 emp. (média indústria)
- 100 |—— 500 emp. (média indústria)
- 500 |—— 1.000 emp. (média indústria)
- 1.000 ou mais empregados (grande indústria)

As indústrias ficaram assim distribuídas:

| Grupos Industriais<br>Classes | Grupos Industriais |              |              |            |           |              |            |            |            |              |            |            |            |              |           |            |            |           | Total         |
|-------------------------------|--------------------|--------------|--------------|------------|-----------|--------------|------------|------------|------------|--------------|------------|------------|------------|--------------|-----------|------------|------------|-----------|---------------|
|                               | 1                  | 2            | 3            | 4          | 5         | 6            | 7          | 8          | 9          | 10           | 11         | 12         | 13         | 14           | 15        | 99         | T          | C         |               |
| 0  —— 20                      | 1.296              | 4.177        | 2.820        | 260        | 41        | 703          | 118        | 338        | 455        | 1.021        | 173        | 652        | 483        | 6.579        | 63        | 115        | 155        | 1         | 19.450        |
| 20  —— 50                     | 99                 | 249          | 303          | 5          | 13        | 265          | 17         | 31         | 11         | 121          | 81         | 123        | 105        | 758          | 18        | 7          | 53         | 1         | 2.260         |
| 50  —— 100                    | 47                 | 87           | 132          | 4          | 7         | 162          | 5          | 9          | 0          | 66           | 21         | 49         | 52         | 430          | 7         | 2          | 27         | 1         | 1.108         |
| 100  —— 500                   | 60                 | 55           | 116          | 7          | 3         | 138          | 3          | 12         | 1          | 91           | 30         | 45         | 52         | 377          | 10        | 3          | 48         | 4         | 1.055         |
| 500  —— 1.000                 | 8                  | 4            | 8            | 1          | 0         | 18           | 0          | 0          | 0          | 9            | 3          | 4          | 6          | 47           | 0         | 1          | 6          | 2         | 117           |
| 1.000  ——                     | 6                  | 1            | 3            | 2          | 0         | 12           | 0          | 2          | 0          | 4            | 1          | 0          | 4          | 20           | 1         | 1          | 2          | 1         | 60            |
| <b>TOTAL</b>                  | <b>1.516</b>       | <b>4.573</b> | <b>3.382</b> | <b>279</b> | <b>64</b> | <b>1.298</b> | <b>143</b> | <b>392</b> | <b>467</b> | <b>1.312</b> | <b>309</b> | <b>873</b> | <b>702</b> | <b>8.211</b> | <b>99</b> | <b>129</b> | <b>291</b> | <b>10</b> | <b>24.050</b> |

(\*) Os mais completos e atualizados que conseguimos localizar em São Paulo.

(\*\*) Excluímos o grupo P (pesca), por ser pouco representativo na cidade de São Paulo.

Observando que o número de indústrias variava muito de grupo para grupo, ex-

traímos duas amostras, cujas porcentagens vão indicadas a seguir:

| CLASSES        | TAMANHO DA INDÚSTRIA | PORCENTAGENS EXTRAÍDAS PARA                          |                  |
|----------------|----------------------|--|------------------|
|                |                      | os grupos mais numerosos (grupos 1, 2, 3, 6, 10, 14) | os demais grupos |
| 0  ——— 20      | PEQUENA              | 0,5  | 1,0              |
| 20  ——— 50     | PEQUENA              | 1,0  | 2,0              |
| 50  ——— 100    | MÉDIA                | 2,0  | 4,0              |
| 100  ——— 500   | MÉDIA                | 3,0  | 5,0              |
| 500  ——— 1.000 | MÉDIA                | 40,0   | 40,0             |
| 1.000  ———     | GRANDE               | TODAS  | TODAS            |

As porcentagens extraídas foram calculadas levando-se em conta a distribuição das firmas dentro das classes. Uma vez fixadas as porcentagens procedemos ao sorteio de firmas que integrariam a amostra. Através desse processo de amostragem, levantamos 328 indústrias correspondendo a 1,4% do universo. Todas elas foram visitadas por nossos pesquisadores para preenchimento da respectiva ficha cadastral, com o rol de ocupações consideradas compatíveis com a deficiência auditiva e preenchimento da ficha profissional respectiva para cada ocupação arrolada.

A medida que fomos colhendo resultados, pudemos verificar a ocorrência de falhas na amostra (indústrias inexistentes, outras que haviam fechado, etc.).

Sempre que as falhas excederam de 5% ao número esperado para o grupo-classe na amostra, fizemos novo sorteio para reposição.

#### 2.2.1.5. No âmbito do Comércio

Procedemos, também, por amostragem. Todavia, o levantamento da amostra, aqui, já

foi mais problemático. Isso porque, segundo os dados do SENAC de 1970 (\*), só conseguimos levantar as firmas comerciais, da cidade de São Paulo, que têm 10 e mais empregados (856 firmas) e 100 firmas apenas que têm de 0-9 empregados (\*\*). Como o número destas é muito maior que 100, tentamos obter sua relação junto à Secretaria da Fazenda.

Face a recusa da Secretaria em fornecer os dados, tivemos que escolher um processo de amostragem diferente do utilizado para a indústria. Os passos seguidos foram os seguintes:

- a) localizamos todas as 956 firmas levantadas no SENAC dentro do mapa da cidade de São Paulo;
- b) verificamos quais as áreas de maior concentração comercial; pudemos identificar 14 zonas geográficas de maior concentração. Foram as seguintes:

(\*) Os mais atualizados que pudemos encontrar.

(\*\*) As firmas deste tamanho não são obrigadas, por lei, a se cadastrarem no SENAC.

- a) Centro
- b) Liberdade, Bela Vista
- c) Sta. Ifigênia
- d) Vila Buarque
- e) Sta. Cecília
- f) Brás I
- g) Brás II
- h) Cambuci
- i) Bom Retiro
- j) Lapa
- k) Pinheiros
- l) Cerqueira César
- m) Sto. Amaro
- n) Ipiranga

- c) delimitamos cada uma das 14 zonas em retângulos ou quadrados mais ou menos equivalentes;
- d) dividimos cada retângulo ou quadrado em sub-áreas iguais, tomando cuidado de evitar que seu lado fosse menor que um quarteirão;
- e) tomamos, ao acaso, 25% das sub-áreas de cada zona e fizemos nossos pesquisadores visitarem todas as casas comerciais localizadas nos seus limites. Essa foi nossa amostra.

Através desse processo, foram visitadas 360 firmas correspondentes a 37,6% de nosso universo inicial.

#### 2.2.1.6 Como atividades paralelas, procuramos ainda:

A — visitar certas indústrias que, segundo consulta feita em julho de 1970 a educadores de deficientes auditivos, reunidos em curso de férias no DERDIC, empregam ou empregaram deficientes auditivos. As firmas visitadas foram:

- 1) Scania Vabis
- 2) General Motors
- 3) Toyota do Brasil S. A.
- 4) Volkswagen do Brasil
- 5) S. A. Tubos Brasilit
- 6) Mercedes Benz do Brasil;

B — entrevistar todos os ex-alunos adultos, de duas escolas para deficientes auditivos da Capital:

- Instituto Educacional São Paulo, atual DERDIC, pertencente à PUCSP e localizado à Al. Tupiniquins, 997, e
- Escola Sta. Terezinha, localizada à R. Samambaia, 571.

O instrumento utilizado foi a entrevista. O que procuramos verificar através dessa consulta a ex-alunos foi a natureza das experiências de trabalho do deficiente auditivo, sua percepção das dificuldades encontradas, seu grau de preparação profissional, etc.. Foram entrevistadas 36 pessoas correspondendo a 64% do universo de ex-alunos de ambas as escolas. Os demais, ou haviam mudado da cidade, ou não foram localizados.

#### 2.2.2. Levantamento de Oportunidades Escolares

##### 2.2.2.1. Na área do Ensino Industrial

- a) SENAI — Foram realizadas entrevistas no SENAI, para levantamento dos cursos existentes no Estado de São Paulo (e respectiva seleção dos que seriam mais indicados para as ocupações consideradas compatíveis com a deficiência auditiva) e preenchimento da respectiva Ficha de Curso. No SENAI foram entrevistados os responsáveis pelos Setores de Orientação e Encaminhamento Profissional;
- b) DEPARTAMENTO DE ENSINO PROFISSIONAL — Foram realizadas entrevistas com pessoas do Setor de Orientação Educacional, visando os mesmos fins;
- c) SESI — Entrevistas com as mesmas finalidades foram realizadas com os responsáveis pelo Setor de Pessoal.



#### 2.2.2.2. Na área do Ensino Comercial

- a) SENAC — Realizaram-se entrevistas, visando aos mesmos objetivos, com os responsáveis pelo Setor de Ensino;
- b) INSPETORIA DE ENSINO COMERCIAL — Realizaram-se entrevistas com pessoas responsáveis pelo Setor de Relações Públicas a fim de obter os dados necessários.

Algumas escolas foram também visitadas pelos nossos pesquisadores para colher, *in loco*, dados cuja obtenção estava sendo problemática. As escolas visitadas foram:

- 1) Colégio SENAC "Brasílio Machado Neto"
- 2) Escola SENAC "Raphael Ferraz"
- 3) 1.º Col. Com. de São Paulo "Oswaldo Aranha"
- 4) Col. Comercial Municipal de São Paulo.

No caso das escolas comerciais e industriais, o levantamento não pode ser considerado exaustivo porque muitas escolas particulares não puderam ser localizadas. No tocante ao ensino público, incluímos todas as escolas existentes no Estado e até mesmo as que deveriam começar a funcionar em 1971, no caso do Ensino Industrial.

#### 2.3. Etapa de tratamento dos dados

A essa etapa, corresponderam as seguintes atividades:

1.º) **Elaboração do Cadastro de Firmas visitadas.** As firmas visitadas e os órgãos do serviço público arrolados foram catalogados em três categorias: I. **abriram possibilidades profissionais;** II. **não abriram possibilidades;** III. **abriram, dependendo de situações específicas.** Cada empresa tem sua ficha cadastral de que constam, além do nome, endereço, categoria, etc., as ocupações consideradas compatíveis com a deficiência ou, conforme o caso, os motivos da recusa ou dúvida em abrir possibilidades. Também as firmas visitadas, fora da amostra, constam deste cadastro que hoje pertence ao DERDIC;

2.º) **Elaboração do Dicionário Ocupacional,** contendo, em ordem alfabética, todas as **fichas profissionais** preenchidas para as ocupações consideradas compatíveis com a deficiência auditiva;

3.º) **Elaboração do Catálogo de Cursos Profissionalizantes,** contendo as fichas preenchidas para os cursos profissionalizantes existentes no Estado e mais próximos das ocupações integrantes do **Dicionário Ocupacional;**

4.º) **Elaboração de Pasta,** contendo os dados de entrevistas com ex-alunos, para uso do Serviço de Orientação do DERDIC;

5.º) **Elaboração de Quadros de Síntese,** visando a uma sistematização dos dados coletados e que constam da Parte III deste trabalho (para as informações ocupacionais e escolares).

## PARTE III

# OS RESULTADOS

## INFORMAÇÕES PROFISSIONAIS E ESCOLARES PARA DEFICIENTES AUDITIVOS

### UMA EXPLICAÇÃO NECESSARIA

O processo de Orientação Vocacional consiste, em boa medida, num processamento de INFORMAÇÕES, informações estas de dois tipos:

- a) relativas ao orientando;
- b) relativas às oportunidades abertas ao orientando.

A informação de que vamos tratar aqui é a **informação do segundo tipo**. Esta, quanto a seu conteúdo, pode classificar-se em **profissional e escolar**. A primeira, compreende "dados válidos e funcionais a respeito de empregos e ocupações, incluindo os respectivos deveres, exigências para ingresso, condições de trabalho..., carreira, etc..." (10). A segunda compreende "dados válidos e funcionais acerca de todos os tipos de oportunidades educacionais... incluindo as respectivas opções curriculares, exigências de admissão, etc..." (10).

Portanto, toda informação deve ser **válida e funcional**. Validade depende basicamente do processo de coleta dos dados. Daí termos planejado uma pesquisa em moldes científicos a fim de garantir, para as informações que ora fornecemos, aquelas características indispensáveis de **objetividade, fidedignidade e representatividade**.

**Funcionalidade**, por sua vez, depende da relevância que a informação tenha para o prognóstico de satisfação profissional. (\*)

---

(\*) Finalidade do Processo de Orientação Vocacional.

Ora, como bem afirmou Samler, "parece haver razões para se pensar que o **ajustamento ocupacional**, o complexo que identificamos como **satisfação profissional** depende muito mais de aspectos psicodinâmicos do que de salários, obrigações, regimes de trabalho, condições físicas, etc.. Ninguém discute a necessidade de um arcabouço de considerações econômicas: salários, condições competitivas de treinamento e educação, obrigações a cumprir, possibilidades de ascensão, etc. (11). O que se discute é que o perfil do homem que trabalha não pode ser apenas sócio-econômico. Para uma visão compreensiva do Profissional é preciso caracterizá-lo também em termos de suas aptidões, de seus interesses e de suas características de personalidade. Os conceitos de **homem econômico** e **homem psicológico**, longe de serem antagônicos, são complementares. Com isto, queremos dizer que a **informação profissional** deverá conter indicações, seja de natureza **sócio-econômica**, seja de natureza **psicológica**, a respeito do profissional que estiver focalizando.

Como, além disso, nosso futuro profissional é um portador de distúrbios da comunicação, era importante obter também uma caracterização da profissão, do ponto de vista lingüístico.

Para coletar todos esses elementos elaboramos uma **ficha profissional** de que constam tanto dados **sócio-econômicos** como **psico-lingüísticos**.

## A) Dados sócio-econômicos:

### — NOME DA OCUPAÇÃO

### — LUGAR ONDE É DESEMPENHADA

Incluem-se aqui os dados sobre as condições de local, isto é, ao ar livre ou não, em sala espaçosa ou não, junto a calor, umidade, com pouco ou muito barulho, etc.. Incluem-se também os dados sobre **tipo de empresa**: pública ou particular, e a natureza específica da instituição (banco, firma financeira, indústria, casa comercial, órgão do serviço público, etc.).

### — CARACTERÍSTICAS DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO PROFISSIONAL

Aqui, se incluem os dados sobre as tarefas propriamente ditas, apresentadas em termos de **verbos de ação**. Com isto pretendemos atingir a própria **estrutura** da profissão e, ao mesmo tempo, facilitar ao deficiente a compreensão das respectivas atividades específicas. Incluem-se ainda os dados sobre:

1. **predominância de atividades**: manuais "versus" intelectuais;
2. **natureza das atividades**: rotineira, variada;
3. **desempenho**: em pé, sentado, andando.

### — REGIME DE TRABALHO

Incluimos, aqui, todos os dados referentes a horário de trabalho, hora de almoço, regime de férias, etc..

### — INGRESSO NA OCUPAÇÃO

Coletamos aqui os dados sobre as **formas de ingresso**: entrevista, concursos, etc., e sobre **restrições ao ingresso**: idade, sexo, cor, etc..

### — POSSIBILIDADES PROFISSIONAIS

Onde reunimos informes a respeito de carreira, promoções, melhoria salarial, etc..

## — ESTUDOS PREPARATÓRIOS EXIGIDOS

Aqui incluímos as exigências feitas pelos empregadores e pela legislação, no caso de Serviço Público, acerca de **formação geral** (alfabetização, curso primário, médio, etc.) e acerca da **formação específica**.

## B) Dados psico-lingüísticos

Aqui englobamos as qualidades que, **no dizer do empresário** (ou seu representante, por exemplo: selecionador de pessoal) são consideradas **importantes** para um desempenho profissional satisfatório. Para haver uma uniformidade terminológica, classificamos essas qualidades em **intelectuais, motoras, nível de comunicação oral, personalidade**, e fizemos sua dicionarização. A partir dessa dicionarização, é que os empresários procuram traçar o perfil psico-lingüístico de todas as ocupações que, no seu entender, podem ser exercidas por um deficiente auditivo.

Por outro lado, procuramos coletar também **informações escolares**, isto é, informações sobre cursos profissionalizantes ou similares, que preparassem para o exercício das ocupações levantadas. A única exceção foi constituída pelos cursos de grau colegial. Muitos deles formam profissionais que não aparecem no **Dicionário Ocupacional**. Consideramos importante mencioná-los, porém, tendo em vista nossa filosofia de encaminhamento vocacional para deficientes auditivos, filosofia essa que pode ser sintetizada numa única palavra: **ABERTURA**. Nada impede que, amanhã, tais informações sejam úteis à orientação deste ou daquele sujeito...

Para obter as informações escolares, elaboramos um modelo de **Ficha de Curso**, do qual constam dados sobre:

### — NOME DO CURSO

— **FINALIDADE**: que tipo de profissional forma.

— **RAMO DE ENSINO:** esse item se deve ao fato de termos coletado informações sobre cursos do ensino industrial e cursos do ensino comercial.

— **NOME DA ESCOLA:** aqui, fizemos constatar, para cada curso, o rol de escolas do Estado de São Paulo onde ele é ministrado, acompanhadas dos respectivos endereços. Nem sempre, como no caso do ensino comercial e no caso das escolas industriais particulares, foi possível esgotar a lista. As informações relativas às escolas da cidade de São Paulo estão, em geral, mais completas que as relativas às escolas do interior.

Para cada escola arrolada procuramos obter os seguintes dados:

— **DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA:** se se trata de instituição mantida pelo Estado, Federação, Município, SENAI, SENAC, SESI ou Particulares. No caso das escolas industriais do Estado, apareceram ainda duas formas de dependência:

a) **em convênio** — quando o governo do Estado se une às Prefeituras Municipais, à União ou a Governos estrangeiros para construção e manutenção das escolas. Geralmente, ou a Prefeitura doa o terreno e constrói o prédio, ou os governos estrangeiros fornecem os equipamentos pesados. O Estado acaba, então, de equipar o prédio e mantém a escola, pagando pessoal, etc.;

b) **em cooperação** — quando o convênio se estabelece entre o Estado e instituições particulares, principalmente Fundações. Neste caso, o Estado só inspeciona e auxilia a escola.

— **REGIME:** se se trata de ensino pago ou gratuito.

— **LOCALIZAÇÃO:** se na Capital ou no Interior.

— **MODALIDADE:** aqui fomos levados a distinguir entre dois grandes grupos: os cursos industriais e os cursos comerciais. Dentre os primeiros distinguimos:

a) **cursos integrantes da rede de ensino industrial** (estadual, federal, particular):

a1) **aprendizagem profissional (AP)** — os cursos de aprendizagem profissional podem ter duração de 1, 2 ou 3 anos. Destinam-se à formação de mão-de-obra qualificada;

a2) **ginásio industrial (GI)** — trata-se de curso médio de 1.º ciclo que possibilita, ao lado de uma base de cultura geral, uma sondagem de aptidões para atividades futuras, a serem aprofundadas no 2.º grau;

a3) **curso técnico industrial (CT)** — trata-se de curso de 2.º grau, cuja duração vai de 3 a 4 anos. Destina-se à formação de técnicos industriais. O término dos três primeiros anos permite obtenção de certificado de grau colegial. O último ano é geralmente de estágio supervisionado.

b) **cursos integrantes da rede de ensino mantido pelo SESI:**

b1) **curso de artes industriais** — tem a duração de 2 anos e visa introduzir os jovens nas técnicas industriais. Para ingresso, exige-se curso primário completo.

c) **cursos integrantes da rede de ensino SENAI:**

c1) **curso de aprendizagem industrial**, dos seguintes tipos:

1.º **curso de aprendizagem de ofício (CAO)** — destina-se a dar a jovens de 14 a 18 anos, que já estejam trabalhando, os conheci-

mentos necessários para o exercício da profissão. Para ingresso, exigem-se conhecimentos relativos ao primário. Tem a duração de 10 a 20 meses;

**2.º curso de aspirantes à indústria (CAI)** — destinado a dar a jovens de 14 a 18 anos, que não estejam trabalhando, aprendizagem de ofício. A duração e as exigências são as mesmas do anterior.

**c2) cursos extraordinários, dos seguintes tipos:**

**1.º curso de formação intensiva (CFI)** — destinado a maiores de 16 anos que pretendem qualificação profissional; a duração varia entre 5 a 10 meses;

**2.º curso de aperfeiçoamento profissional (CAP)** — para maiores de 16 anos que, estando trabalhando, desejam melhorar seus conhecimentos teóricos e práticos; duração variável entre 2 e 10 meses;

**3.º curso de especialização profissional (CEN e CED)** — destina-se a pessoas que, possuindo ocupação qualificada, desejam desenvolver técnicas e conhecimentos correlatos componentes de uma ocupação afim, exigida pelo avanço tecnológico ou evolução do mercado de trabalho. Podem ser ministrados em período diurno (CED) ou noturno (CEN). Duração 2 a 10 meses;

**4.º curso de treinamento (TRE)** — destinado a pessoas de 18 a 45 anos, desempregados, que desejem uma formação profissional rápida. Para ingresso, exige-se escolarização primária.

**c3) curso de auxiliar técnico (CAT)** — destina-se à formação de auxiliares técnicos em várias especialidades. Para ingresso, exige-se 1.º grau de qualquer curso médio.

**c4) curso técnico (CIT)** — destina-se à formação de técnicos de nível médio; duração de 4 anos; os con-

cluintes da 3.ª série têm o direito a certificado de conclusão do colégio técnico industrial, equivalente a 2.º grau; o diploma de técnico é conferido ao concluinte da 4.ª série. Para ingresso, exige-se 1.º grau completo.

Dentro do ensino comercial, distingui-mos as seguintes modalidades:

**a) cursos integrantes da rede de ensino comercial (estadual, municipal e particular):**

**a1) ginásio comercial (GC)** — equivalente ao 1.º ciclo do curso médio; além de cultura geral, ministra conhecimentos técnicos do campo comercial; a duração é de 4 anos; para ingresso, exige-se primário completo; o aluno terá direito a matricular-se depois em qualquer curso do 2.º grau.

**a2) curso técnico comercial (CTC):**

**I — técnico de contabilidade** — equivalente ao 2.º grau; a finalidade é, ao lado de conhecimentos gerais, fornecer conhecimentos elementares de contabilidade; a duração é de 3 anos e o concluinte tem o direito a matricular-se em qualquer curso superior;

**II — técnico de secretariado** — equivalente ao 2.º grau; a duração é de 3 anos; a finalidade é fornecer cultura técnica ligada à profissão, além dos conhecimentos teóricos. O concluinte tem o direito de matricular-se em qualquer curso superior.

**b) cursos integrantes da rede de ensino SENAC** — compreende as seguintes modalidades:

1.º) **Setor de aprendizagem comercial (SAC):**

- a) aprendizagem comercial;
- b) ginásio comercial;
- c) curso preparatório;
- d) iniciação profissional;
- e) pré-profissional.

Estes cursos só podem ser frequentados por menores. Os cursos c, d e e equivalem ao curso admissão. Tendo feito qualquer um desses cursos, o aluno pode submeter-se a exames para ingressar no ginásio.

O aluno que se dirige ao SENAC com intenção de fazer o curso de Aprendizagem Comercial, e não é aprovado no exame de Admissão, terá de fazer durante um ano o curso pré-profissional, para submeter-se novamente ao exame. Em geral, esses alunos são enviados pela Empresa.

O aluno candidato a emprego, que procura o SENAC de livre e espontânea vontade, isto é, sem ser enviado pela Empresa, se tiver o primário fará o pré-profissional.

O aluno que completar os 3 anos do curso de Aprendizagem Comercial, poderá matricular-se no último ano do Ginásio Comercial.

- 2.º) **Setor de Armazenagem (SA);**
- 3.º) **Setor de Escritório (SE);**
- 4.º) **Setor de Higiene e Beleza (SHB);**
- 5.º) **Setor de Hotelaria (SH);**
- 6.º) **Setor de Propaganda (SP);**
- 7.º) **Setor Hospitalar;**
- 8.º) **Setor de Turismo;**
- 9.º) **Setor de Vendas (SV);**
- 10.º) **Laboratório de Línguas.**

Obs.: os setores de 2.º a 10.º abrangem cursos rápidos que variam de 15 dias a 10 meses.

Além dessas informações sobre modalidades de cursos, coletamos também as seguintes:

— **PERÍODO:** se a escola funciona pela manhã, à tarde, à noite, em período integral, em período variável, etc..

— **CONDIÇÕES DE INGRESSO:** as condições de inscrição (idade, atestado de saúde, cursos feitos, etc.) e as condições de habilitação (provas, etc.).

— **CURRÍCULO:** isto é, as disciplinas ministradas. Em sua grande maioria, apresentamos um currículo **exemplificativo**.

Finalmente, por vezes, houve necessidade de acrescentar algumas observações sobre aspectos da escola, mais dignos de nota. (\*)

Por outro lado, considerando a enorme massa de informações colhidas sobre **profissões e cursos**, pensamos em dar a esses dados um princípio de organicidade que permitisse um outro nível de exploração e aproveitamento. O princípio organizatório foi encontrado quando procuramos pensar, por exemplo, como um orientador estabeleceria a vinculação entre essas informações sobre oportunidades profissionais e escolares e as informações de que disponha sobre um orientando concreto. Acharmos que o elo poderia ser encontrado se tomássemos como ponto de referência os **interesses individuais**. A pesquisa de interesse oferece várias vantagens como ponto de partida num processo de Orientação: possibilita uma participação ativa do orientando, que geralmente sabe e se sente motivado a apontar algumas áreas de interesse; além disso, a vida escolar do aluno, seus passatempos prediletos, constituem um manancial de indícios facilmente exploráveis numa pesquisa sobre interesses individuais. O depoimento de pais, professores, etc., pode ser utilizado com proveito, podendo-se ainda recorrer a testes de interesse. Foi pensando no caso de um orientador que deseje aplicar testes de interesse a deficientes auditivos, que nos decidimos por classificar todas as ocupações constantes no **Dicionário Ocupa-**

(\*) Com a promulgação da Lei 5.692 de 11/08/1971 e que fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1.º e 2.º graus, é de se prever modificação em muitos dos cursos a que nos referimos.

cional em 12 famílias ocupacionais correspondentes às 12 áreas de interesse propostas por Harold Geist em seu **Inventário Ilustrado de Interesses**. A escolha dessa classificação justifica-se:

- 1.º) por ser suficientemente abrangente. As áreas de interesse indicadas por Geist não discrepam muito das que são apresentadas pelos teóricos do assunto;
- 2.º) por ser o inventário ilustrado um teste acessível ao deficiente auditivo, devido ao fato de eliminar virtualmente todo o conteúdo verbal, usando desenhos em vez de palavras. O próprio Geist realizou, nos E.U.A., estudos de padronização e validação do instrumento para deficientes auditivos (12).

Segundo ele, o teste "tem se mostrado útil aos conselheiros de deficientes auditivos em internatos, escolas públicas, agências de reabilitação vocacional e muitas outras instituições onde se faz a orientação vocacional de deficientes auditivos" (13).

- 3.º) por estar já traduzido e adaptado para o Brasil.

Além disso, as profissões foram também classificadas por um duplo critério:

- a) **Ramo de Atividade Econômica:** Bancos e Financeiras, Comércio, Indústria, Serviço Público;
- b) **Nível de Formação Profissional:** (I) não qualificado e semi-qualificado; (II) qualificado de nível inferior; (III) qualificado de nível médio; (IV) qualificado de nível superior.

A vantagem de se classificarem as ocupações, também segundo o **ramo de atividades** e o **nível de formação profissional**, é dupla porque:

- a) no primeiro caso, já circunscreve áreas a serem pesquisadas e aprofundadas dentro do mundo do

trabalho, inclusive com o próprio orientando;

- b) no segundo caso, pode facilitar ainda mais o encaminhamento. Por exemplo, um aluno que já tenha concluído o ensino de 1. grau, não precisará, necessariamente, considerar as ocupações dos níveis I e II.

Portanto, as profissões foram classificadas segundo critérios:

- **psicológicos** (famílias ocupacionais) e
- **sócio-econômicos** (ramo de atividade econômica e nível de escolaridade).

Vamos descrever cada um deles.

### **CRITÉRIOS PSICOLÓGICOS**

**Descrição das "Famílias Ocupacionais", de H. Geist.**

#### **Natureza do Trabalho**

Atividades básicas das profissões de cada família ocupacional.

#### **FAMÍLIA I (PE) — Profissões Persuasivas PERSUADIR PESSOAS**

A **relação pessoal** visa aqui a influenciar, a convencer as pessoas. As ocupações desta família relacionam-se bastante com **comércio** (especialmente no Setor Vendas). Conforme a especialização profissional, aqui se incluem desde os técnicos em relações públicas (nível superior) até os mascates (não qualificados).

#### **FAMÍLIA II (ESC) — Profissões de Escritório**

**PLANEJAR, ORGANIZAR, DIRIGIR, REGISTRAR, CONTROLAR**, enfim, o funcionamento de empresas públicas ou particulares, a fim de garantir-lhes o máximo de eficiência.

A **relação pessoal** é aqui mais formal. As profissões desta família são as profissões **burocráticas**, por excelência. Conforme o grau de especialização profissional, aqui se incluem desde o administrador de empresas (nível superior) até o "office-boy" (não qualificado).

### FAMÍLIA III (MEC) — Profissões Mecânicas

APLICAR < TÉCNICAS  
e  
CONHECIMENTOS > A OBJETOS

DE TRABALHO, (“matéria prima” ou materiais diversos)

VISANDO A PRODUÇÃO DE BENS TANGÍVEIS (UTILIDADES).

As profissões desta família exigem que se lide com coisas, sejam estas objetos ou instrumental de trabalho (alavancas, ferramentas, máquinas, equipamentos, etc.). Embora exija atividade intelectual (lidar com idéias), trata-se de um trabalho que envolve sempre uma grande quantidade de **atividade manual**. As profissões aqui incluídas relacionam-se de perto com o campo da **Indústria**. Conforme o grau de especialização, aqui se incluem desde o engenheiro (nível superior) até o cozinheiro (não qualificado).

### FAMÍLIA IV (MUS) — Profissões Musicais

CRIAR E/OU EXECUTAR OBRAS MUSICAIS

Trata-se de um trabalho que exige **criatividade** (no nível da composição musical) e **habilidades especiais** (no nível da execução musical). Conforme a especialização, teremos aqui o Regente (nível superior) até o trabalhador em teatro (não qualificado).

### FAMÍLIA V (CIE) — Profissões Científicas

A) PESQUISAR — a fim de descobrir o como e o porquê dos fatos (conhecimento científico);

B) APLICAR — o conhecimento científico a situações onde não se vise a finalidade prática imediata.

O trabalho envolve, fundamentalmente, atividades intelectuais (lidar com idéias).

As profissões desta família podem ser distribuídas nos seguintes sub-grupos:

- a) filosófico — onde se lida com disciplinas que são “ferramentas de trabalho para os cientistas em geral”;

b) físico — onde se lida com estruturas físicas da natureza;

c) químico — onde se lida com estruturas químicas da natureza;

d) naturalista — onde se lida com estrutura e função dos organismos vivos e estrutura mineral da natureza;

e) humanístico — onde se lida com o comportamento do homem enquanto ser social.

Conforme o nível de especialização profissional, teremos aqui desde o físico (nível superior) até o taxidermista (pouco qualificado).

### FAMÍLIA VI (ARL) — Profissões exercidas ao ar livre

O que há de comum entre elas é o fato de se tratar sempre de um trabalho:

A) QUE ENVOLVE MUITA ATIVIDADE FÍSICA;

B) QUE É EXERCIDO, PRINCIPALMENTE, AO AR LIVRE.

As profissões desta família ligam-se à agricultura, silvicultura, caça, piscicultura, mineração, etc.

Aqui se incluem desde o agrônomo (nível superior) até o mineiro (não qualificado).

### FAMÍLIA VII (LI) — Profissões Literárias

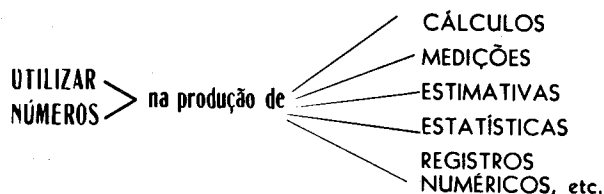
LER < VISANDO > CONSERVAR  
FALAR < > HERANÇA  
REDIGIR < > CULTURAL  
ESCREVER < > AMPLIAR

Trata-se de um trabalho que exige fundamentalmente **atividade verbal** e que se liga, por isso, bastante ao campo das Letras.

De acordo com o grau de especialização, aqui se incluem desde o jornalista (nível superior) até o auxiliar de biblioteca (pouco qualificado).



## FAMÍLIA VIII (NUM) — Profissões numéricas



Trata-se de um trabalho que envolve fundamentalmente **atividade numérica** e que se liga bastante ao campo das **matemáticas** e suas aplicações.

De acordo com o grau de especialização, aqui se incluem desde o estatístico (nível superior) até o calculista (pouco qualificado).

## FAMÍLIA IX (ART) — Profissões Artísticas

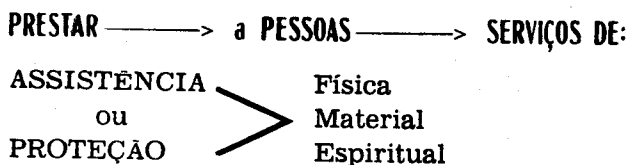
**CRIAR E/OU EXECUTAR OBRAS DE ARTE PLÁSTICA**, através de atividades de:

1. pintura, ilustração, artes gráficas (artes do desenho e da cor);
2. escultura, modelagem, entalhação, cerâmica (artes da modelação);
3. joalheria, tecelagem artística (artes aplicadas).

A arte plástica é chamada Arte Visual por envolver estímulos de **FORMA** e **COR** basicamente. Como na família IV (MUS), trata-se, aqui, de trabalho que exige **criatividade** e **habilidades especiais**.

Conforme a especialização profissional, aqui se incluem desde o programador visual (nível superior) até o vitrinista (pouco qualificado).

## FAMÍLIA X (SSO) — Profissões de Serviço Social



Trata-se de um trabalho que envolve uma **relação pessoal** mas, à diferença do que

ocorre nas famílias I (PE) e II (ESC), essa relação visa a beneficiar o cliente carente de **assistência** ou **proteção** (enfermos, pobres, marginais). As profissões deste grupo são basicamente assistenciais, relacionando-se com **PSICOLOGIA** (clínica sobretudo), **SERVIÇO SOCIAL**, **PROTEÇÃO PESSOAL**. Conforme a especialização, aqui se incluem desde o assistente social (nível superior) até o atendente hospitalar (não qualificado).

## FAMÍLIA XI (DRA) — Profissões Dramáticas

**CRIAR E/OU EXECUTAR OBRAS DE ARTE DRAMÁTICA**

Como nas famílias IV (MUS) e IX (ART), trata-se aqui de um trabalho que exige **criatividade** e **habilidades especiais**. A arte dramática é uma arte específica na qual a mensagem é transmitida ao público por um ator, representando um espetáculo. O espetáculo pode ser teatral, cinematográfico, televisual, etc..

Conforme o nível de especialização profissional, aqui se incluem desde o diretor de peças teatrais (nível superior) até o trabalhador em teatro (não qualificado).

## FAMÍLIA XII (SPE) — Profissões de Serviço Pessoal

PRESTAR —> AS PESSOAS —> CUIDADOS PESSOAIS

Trata-se de um trabalho simples por natureza e que envolve uma **relação pessoal** mas, à diferença do que ocorre na Família X (SSO), essa relação não é assistencial porque o cliente não é basicamente um necessitado ou um carente. Os cuidados pessoais são cuidados individualizados: domésticos, ligados à higiene e aparência física. Conforme a especialização, aqui se incluem desde o massagista (mais qualificado) até o engraxate (não qualificado).

## CRITÉRIOS SOCIO-ECONÔMICOS

Quanto ao nível de formação profissional, usamos uma adaptação da que Maurílio Leite de Araujo Filho apresentou em 1962 (14) e que descrevemos a seguir:

**NÍVEL I** — as ocupações deste nível exigem tarefas muito simples, que não requerem formação profissional sistemática. O adiestramento profissional pode ser feito em serviço ou em cursos rápidos. O nível de escolaridade básica varia desde analfabeto até primário completo ou incompleto.


**NÍVEL II** — as ocupações deste nível já são mais complexas e requerem formação profissional sistemática. O treinamento profissional tem que ser feito em cursos de aprendizagem profissional. O nível de escolaridade básica exigido é o primário completo.

**NÍVEL III** — as ocupações deste nível exigem maior iniciativa e discernimento. Requerem formação profissional sistemática, geralmente em cursos técnicos de 2.º grau. O nível de escolaridade básica exigido é, pelo menos, o 1.º ciclo (de grau médio) completo.

**NÍVEL IV** — as ocupações deste grupo exigem tarefas bem mais diferenciadas. Para seu desempenho, o profissional deve pre-

parar-se em escolas especializadas de nível superior que ministram cursos de duração relativamente longa. O nível de escolarização básica exige 2.º grau completo.

Quanto aos cursos, foram classificados por:

- área de ensino  industrial  
comercial
- dependência administrativa.

Assim, na área de ensino industrial, foram classificados segundo dependência administrativa do:

- a) Departamento de Ensino Profissional (DEP);
- b) SENAI;
- c) SESI.

Na área do ensino comercial, classificaram-se conforme a dependência administrativa da:

- a) Inspeção do Ensino Comercial (IEC);
- b) SENAC.

Tendo em vista esses esclarecimentos, passemos, pois, a examinar as classificações relativas às **Informações Profissionais e Informações Escolares**.

## CLASSIFICAÇÃO DAS INFORMAÇÕES PROFISSIONAIS

**QUADRO I — Profissões indicadas para o deficiente auditivo e classificadas por ramo de atividade econômica, família ocupacional e nível de formação profissional.**

### INSTRUÇÕES

Para perfeita inteligibilidade dos Quadros I é preciso considerar as observações abaixo:

1. a classificação por ramos de atividades econômicas foi feita com base nas consultas aos empregadores, dentro de nossa pesquisa. Daí o fato de a mesma ocupação poder aparecer mais de uma vez (com ligeiras variações);

2. o mesmo se pode dizer da distribuição das ocupações pelos níveis de formação profissional. Daí o fato de, muitas vezes, conforme o empregador, exigir-se, para uma mesma ocupação, níveis diferentes de qualificação profissional;

3. no caso das ocupações industriais (quadro IC) incluímos, entre parênteses, ao lado da família ocupacional respectiva, o código correspondente ao grupo industrial em que se inclui, segundo a classificação adotada pelo SENAI.

4. Quando a ocupação podia ser classificada em mais de uma família ocupacional, fizemos constar isso, expressamente.

5. Usamos os seguintes códigos:

#### A) Família Ocupacional (classificação Geist)

- |          |                |
|----------|----------------|
| 1. PE:   | PErsuasiva     |
| 2. ESC:  | ESCritório     |
| 3. MEC:  | MECânica       |
| 4. MUS:  | MUSical        |
| 5. CIE:  | CIEntífica     |
| 6. ARL:  | AR Livre       |
| 7. LI:   | LIterária      |
| 8. NUM:  | NUMérica       |
| 9. ART:  | ARTística      |
| 10. SSO: | Serviço SOcial |
| 11. DRA: | DRAMática      |

12. SPE: Serviço PESSOAL

B) Níveis de Formação Profissional (classificação de Maurílio Leite de Araújo Filho, com adaptações)

- a) I — não qualificado  
semi-qualificado
- b) II — qualificado de nível inferior
- c) III — qualificado de nível médio
- d) IV — qualificado de nível superior

C) Grupos Industriais (classificação SENAI)

- a) 1 — indústrias de alimentação;
- b) 2 — indústrias de vestuário;
- c) 3 — indústrias de construção e mobiliário;
- d) 4 — indústrias urbanas;
- e) 5 — indústrias extrativas;
- f) 6 — indústrias de fiação e tecelagem;
- g) 7 — indústrias de artefatos de couro;
- h) 8 — indústrias de artefatos de borracha;
- i) 9 — indústrias de joalheria, lapidação e cinzelagem;
- j) 10 — indústrias químicas e farmacêuticas;
- k) 11 — indústrias de papel, papelão e cortiça;
- l) 12 — indústrias gráficas;
- m) 13 — indústrias de vidros, cristais, espelhos, louça, cerâmica;
- n) 14 — indústrias mecânicas e de material elétrico;
- o) 15 — indústrias de artefatos de cortiça, brinquedos e colchoaria;
- p) 99 — indústrias não especificadas (não pertencentes a outros grupos);
- q) T — indústrias de transporte;
- r) C — indústrias de comunicação.

**QUADRO I A — BANCOS E FINANCEIRAS**

| OCUPAÇÕES                     | FAMÍLIAS<br>OCUPACIONAIS | NÍVEIS DE FORMAÇÃO<br>PROFISSIONAL |    |     |    |
|-------------------------------|--------------------------|------------------------------------|----|-----|----|
|                               |                          | I                                  | II | III | IV |
| 1. almoxarife                 | ESC                      | x                                  | x  |     |    |
| 2. arquivista                 | ESC                      | x                                  | x  |     |    |
| 3. ascensorista               | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 4. auxiliar de contador       | ESC-NUM                  |                                    |    | x   |    |
| 5. caixa                      | ESC-NUM                  | x                                  |    |     |    |
| 6. calculista                 | ESC-NUM                  |                                    |    | x   |    |
| 7. cobrador                   | ARL                      | x                                  |    |     |    |
| 8. contínuo                   | ESC-ARL                  | x                                  |    |     |    |
| 9. controlador/cobrança       | ESC                      | x                                  |    |     |    |
| 10. correntista               | ESC                      |                                    | x  |     |    |
| 11. datilógrafo               | ESC                      |                                    | x  |     |    |
| 12. escriturário              | ESC                      |                                    | x  |     |    |
| 13. expedidor                 | ESC                      |                                    | x  |     |    |
| 14. mecanógrafo               | MEC                      |                                    |    | x   |    |
| 15. operador de contabilidade | ESC-NUM                  | x                                  | x  |     |    |
| 16. perfurador                | MEC-NUM-ESC              |                                    | x  |     |    |
| 17. programador               | NUM                      |                                    |    | x   |    |
| 18. tipógrafo                 | MEC                      | x                                  | x  |     |    |

**QUADRO I B — COMÉRCIO**

| OCUPAÇÕES                        | FAMÍLIAS<br>OCUPACIONAIS | NÍVEIS DE FORMAÇÃO<br>PROFISSIONAL |    |     |    |
|----------------------------------|--------------------------|------------------------------------|----|-----|----|
|                                  |                          | I                                  | II | III | IV |
| 1. ajudante de entrega           | ARL                      | x                                  |    |     |    |
| 2. alfaiate                      | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 3. aplicador de injeção          | SSO-SPE                  | x                                  | x  |     |    |
| 4. arquivista                    | ESC                      | x                                  |    |     |    |
| 5. aprendiz de tapeçaria         | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 6. auxiliar de contabilidade     | ESC-NUM                  |                                    | x  | x   |    |
| 7. auxiliar de cozinha           | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 8. auxiliar de téc. eletrônico   | MEC                      |                                    | x  |     |    |
| 9. balconista                    | PE-NUM                   | x                                  | x  |     |    |
| 10. barbeiro                     | SPE                      | x                                  |    |     |    |
| 11. cabeleireira                 | SPE-ART                  | x                                  |    |     |    |
| 12. caixa                        | NUM-ESC                  |                                    | x  | x   |    |
| 13. calceira                     | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 14. carregador                   | MEC-ARL                  | x                                  |    |     |    |
| 15. cobrador                     | ARL                      | x                                  |    |     |    |
| 16. colocador de papel de parede | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 17. colocador de tapetes         | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 18. confeiteiro                  | MEC-ART                  | x                                  |    |     |    |
| 19. consertador em geral         | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 20. consertador de guarda-chuva  | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 21. correspondente               | ESC-LI                   |                                    |    | x   |    |
| 22. cortador de vidro            | MEC                      | x                                  |    |     |    |

**QUADRO I B — COMÉRCIO (Continuação)**

| OCUPAÇÕES                           | FAMÍLIAS<br>OCUPACIONAIS | NÍVEIS DE FORMAÇÃO<br>PROFISSIONAL |    |     |    |
|-------------------------------------|--------------------------|------------------------------------|----|-----|----|
|                                     |                          | I                                  | II | III | IV |
| 23. cozinheiro                      | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 24. datilógrafo                     | ESC                      |                                    | x  | x   |    |
| 25. desmanchador de autos           | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 26. desossador                      | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 27. emendador e remendador de sacos | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 28. empacotador                     | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 29. entregador                      | ARL                      | x                                  |    |     |    |
| 30. escriturário                    | ESC                      |                                    | x  |     |    |
| 31. estoquista                      | ESC                      | x                                  | x  |     |    |
| 32. faturista                       | ESC                      |                                    | x  |     |    |
| 33. florista                        | ART                      | x                                  |    |     |    |
| 34. forneiro                        | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 35. fotógrafo laboratorista         | MEC-ART                  | x                                  |    |     |    |
| 36. lustrador de móveis             | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 37. mecânico maq. fotogr.           | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 38. mimeografista                   | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 39. "office boy"                    | ESC-ARL                  | x                                  |    |     |    |
| 40. operador de máq. contáb.        | ESC-MEC                  |                                    | x  | x   |    |
| 41. ótico                           | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 42. ourives                         | MEC-ART                  | x                                  |    |     |    |
| 43. padeiro                         | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 44. passador                        | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 45. plão                            | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 46. pintor                          | MEC-ART                  | x                                  |    |     |    |
| 47. relojoeiro                      | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 48. sapateiro                       | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 49. separador de mercadoria         | MEC-ESC                  | x                                  |    |     |    |
| 50. servente                        | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 51. vitrinista                      | MEC-ART                  | x                                  |    |     |    |

**QUADRO I C — INDÚSTRIA**

| OCUPAÇÕES                       | FAMÍLIAS<br>OCUPACIONAIS | NÍVEIS DE FORMAÇÃO<br>PROFISSIONAL |    |     |    |
|---------------------------------|--------------------------|------------------------------------|----|-----|----|
|                                 |                          | I                                  | II | III | IV |
| 1. acabador de bobinas          | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 2. acabador de cabides          | (G 3) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 3. acabador de cadernos         | (G12) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 4. acabador de calçados         | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 5. acabador manual              | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 6. acabador de soutiens         | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 7. acabador de violão           | (G15) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 8. acabador/retocador plásticos | (G13) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 9. ajudante de expedição        | (G 6) ESC                | x                                  |    |     |    |
| 10. ajudante de maquinista      | (G 1) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 11. ajudante de marceneiro      | (G15) MEC                | x                                  |    |     |    |

QUADRO I C — INDÚSTRIA (Continuação)

| OCUPAÇÕES                                  | FAMÍLIAS<br>OCUPACIONAIS | NÍVEIS DE FORMAÇÃO<br>PROFISSIONAL |    |     |    |
|--|--------------------------|------------------------------------|----|-----|----|
|  |                          | I                                  | II | III | IV |
| 12. ajudante de motorista                  | (G 6) MEC-ARL            | x                                  |    |     |    |
| 13. ajudante de oficina/<br>seção montagem | (G 4) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 14. ajudante de operação/<br>setor boneca  | (G15) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 15. ajudante de padeiro                    | (G 1) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 16. ajudante de serralheiro                | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 17. ajudante de violeiro                   | (G15) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 18. ajustador                              | (G14) MEC                |                                    | x  |     |    |
| 19. alfaiate retocador                     | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 20. amarrador de livros                    | (G12) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 21. amarrador de tacos                     | (G 3) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 22. apontador                              | (G 3) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 23. apontador de calçados                  | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 24. apontador ou apontador de<br>produtos  | (G14) ESC                | x                                  |    |     |    |
| 25. apontador de produção                  | (G12) ESC                | x                                  |    |     |    |
| 26. aprendiz serrador                      | (G 3) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 27. armador                                | (G12) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 28. artesão (em mármore)                   | (G 3) MEC-ART            | x                                  |    |     |    |
| 29. assistente de arte                     | (G12) ART                |                                    |    | x   |    |
| 30. auxiliar de cenarista                  | (G12) ART-MEC            |                                    |    | x   |    |
| 31. auxiliar embalagem                     | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 32. auxiliar expedição                     | (G12) ESC                | x                                  |    |     |    |
| 33. auxiliar ferramenteiro                 | (G 3) MEC                |                                    | x  |     |    |
| 34. auxiliar hipodermia                    | (G10) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 35. auxiliar de impressor                  | (G12) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 36. auxiliar de máquina                    | (G99) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 37. auxiliar montagem máquina<br>escrever  | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 38. auxiliar sala de pano                  | (G 6) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 39. auxiliar ou bloquista<br>de tipografia | (G12.14) MEC             | x                                  |    |     |    |
| 40. auxiliar tipografia                    | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 41. bobinadeiro                            | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 42. borracheiro                            | (G 8) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 43. calceiro                               | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 44. calculista                             | (G T) ESC-NUM            |                                    |    | x   |    |
| 45. cardista                               | (G 6) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 46. carpinteiro                            | (G 2, 3, 4, 5, 14) MEC   | x                                  |    |     |    |
| 47. carregador                             | (G13, 15, 99) ARL-MEC    | x                                  |    |     |    |
| 48. classificador                          | (G14) ESC                | x                                  |    |     |    |
| 49. cilindrista                            | (G 8) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 50. colador de caixa                       | (G12) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 51. colocador de mármore                   | (G 3) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 52. confeiteiro                            | (G 1) ART-MEC            | x                                  |    |     |    |
| 53. conferente                             | (G T,14) ESC             | x                                  | x  |     |    |
| 54. conferente ou controlador              | (G T) ESC                | x                                  | x  |     |    |
| 55. contadeira                             | (G 11) NUM               | x                                  |    |     |    |
| 56. controlador câmara ar                  | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 57. copiador de fotolito                   | (G12) MEC                |                                    | x  |     |    |

QUADRO I C — INDÚSTRIA (Continuação)

| OCUPAÇÕES   | FAMÍLIAS<br>OCUPACIONAIS           | NÍVEIS DE FORMAÇÃO<br>PROFISSIONAL |    |     |    |
|---|------------------------------------|------------------------------------|----|-----|----|
|   |                                    | I                                  | II | III | IV |
| 58. cortador (de calçados)                          | (G 2) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 59. cortador de luvas                               | (G 2) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 60. cortador de papel e/ou corta-<br>dor e vincador | (G12) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 61. cortador de tecidos                             | (G 2) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 62. cortador de vidro                               | (G13) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 63. costurador de bolas                             | (G 7) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 64. costureira 1) luvas; 2) roupas;<br>3) malas     | (G 2, 6, 7) MEC                    | x                                  |    |     |    |
| 65. cozinheira                                      | (G 2) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 66. cravador  | (G 9) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 67. cromeador                                       | (G14) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 68. desenhista                                      | (G 3, 14) MEC-<br>NUM-ART          |                                    |    |     | x  |
| 69. desenhista textil                               | (G 6) MEC-NUM-ART                  | x                                  |    |     |    |
| 70. desossador                                      | (G99) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 71. despachante                                     | (G14) ESC                          | x                                  |    |     |    |
| 72. destacador                                      | (G11) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 73. eletricitista                                   | (G 2, 4, 14, T) MEC                | x                                  | x  |     |    |
| 74. embalador ou empacotador ou<br>encaixotador     | (G1, 9, 10, 11, 12,<br>13, 14) MEC | x                                  |    |     |    |
| 75. encadernador                                    | (G12) MEC                          |                                    | x  |     |    |
| 76. encanador                                       | (G 4) MEC                          | x                                  | x  |     |    |
| 77. enconadeira                                     | (G 6) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 78. enrolador (árvore Natal)                        | (G 9) MEC                          |                                    |    |     | x  |
| 79. enrolador de motores                            | (G14) MEC                          |                                    |    |     | x  |
| 80. envernizador auxiliar                           | (G12) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 81. escolhedor parafusos                            | (G14) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 82. esmaltador                                      | (G13) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 83. espuladeira                                     | (G 6) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 84. estanhador                                      | (G14) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 85. expedidor                                       | (G14) ESC                          | x                                  |    |     |    |
| 86. faxineiro                                       | (G10) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 87. ferramenteiro                                   | (G14) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 88. fiandeiro                                       | (G 6) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 89. foguista  | (G 2) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 90. frisador  | (G14) MEC                          |                                    | x  |     |    |
| 91. funileiro                                       | (G 1) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 92. furador   | (G14) MEC                          |                                    | x  |     |    |
| 93. grampeador/cartonagem                           | (G 1) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 94. granulador                                      | (G12) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 95. gravador  | (G12) MEC                          |                                    | x  |     |    |
| 96. impressor                                       | (G12) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 97. injetor de plástico                             | (G14) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 98. inspetor  | (G13) ESC                          | x                                  |    |     |    |
| 99. inspetor de qualidade                           | (G14) MEC-ESC                      |                                    | x  |     |    |
| 100. joalheiro                                      | (G 9) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 101. lavador de autos                               | (G14) MEC-ARL                      | x                                  |    |     |    |
| 102. lavador roupa ou tecido                        | (G10) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 103. ligador de circuito                            | (G14) MEC                          | x                                  |    |     |    |
| 104. linotipista                                    | (G12) MEC                          | x                                  |    |     |    |

QUADRO I C — INDÚSTRIA (Continuação)

| OCUPAÇÕES                           | FAMÍLIAS<br>OCUPACIONAIS | NÍVEIS DE FORMAÇÃO<br>PROFISSIONAL |    |     |    |
|-------------------------------------|--------------------------|------------------------------------|----|-----|----|
|                                     |                          | I                                  | II | III | IV |
| 105. lixador                        | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 106. lustrador ou polidor de autos  | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 107. maçarocheiro                   | (G 6) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 108. mangueiro                      | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 109. maquinadora de verniz          | (G12) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 110. maquinista                     | (G 6) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 111. marcador de bobina             | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 112. marceneiro                     | (G 3,12) MEC             | x                                  |    |     |    |
| 113. margeador/riscador             | (G11) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 114. masseador                      | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 115. mecânico                       | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 116. mecânico eletricista           | (G14) MEC                | x                                  | x  |     |    |
| 117. modelador madeira              | (G14) MEC                |                                    |    | x   |    |
| 118. modelador sapato               | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 119. moldador                       | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 120. montador estrut. metálicas     | (G 3) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 121. montador (fechadura)           | (G14) MEC                | x                                  | x  |     |    |
| 122. montador de fotolito           | (G12) MEC                |                                    | x  |     |    |
| 123. montador manual calçados       | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 124. montador sapatos               | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 125. montador mamadeira             | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 126. montador óculos                | (G13) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 127. montador máquinas              | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 128. montador persianas             | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 129. mont. quadros (eletricidade)   | (G14) MEC                | x                                  | x  |     |    |
| 130. oficial alfaiate               | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 131. oper. máq. embrulhamento       | (G 1) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 132. operador de máquina            | (G14) MEC                |                                    | x  |     |    |
| 133. operador de moinho             | (G13) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 134. operador de rodadeira          | (G13) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 135. operador "silk screan"         | (G13) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 136. ourives                        | (G 9) MEC-ART            | x                                  |    |     |    |
| 137. padeiro                        | (G 1) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 138. passador                       | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 139. pedreiro                       | (G 4) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 140. perfilador e cortador de papel | (G12) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 141. pespontador                    | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 142. pespontador                    | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 143. picador                        | (G99) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 144. pintor                         | (G13) MEC-ART            | x                                  | x  |     |    |
| 145. plainador                      | (G14) MEC                |                                    | x  |     |    |
| 146. polidor                        | (G 8,9) MEC              | x                                  |    |     |    |
| 147. politriz                       | (G13) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 148. pregador palmilhas             | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 149. prenhador                      | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 150. prensista                      | (G 6, 8, 14) MEC         | x                                  |    |     |    |
| 151. preparador montagem            | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 152. preparador preenchimento       | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 153. químico                        | (G10) MEC-CIE-NUM        |                                    |    | x   |    |
| 154. rádio-técnico                  | (G15) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 155. rebarbador                     | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |



**QUADRO I C — INDÚSTRIA (Continuação)**

| OCUPAÇÕES                             | FAMILIAS<br>OCUPACIONAIS | NÍVEIS DE FORMAÇÃO<br>PROFISSIONAL |    |     |    |
|---------------------------------------|--------------------------|------------------------------------|----|-----|----|
|                                       |                          | I                                  | II | III | IV |
| 156. rebitador                        | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 157. recauchutador                    | (G 8) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 158. recuperador (acabamento)         | (G13) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 159. relojoeiro                       | (G 9) MEC-ART            | x                                  |    |     |    |
| 160. repassador                       | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 161. retificador                      | (G14) MEC                |                                    | x  |     |    |
| 162. revisor tecidos                  | (G 6) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 163. revisor de têxtil                | (G12) ESC                |                                    |    | x   |    |
| 164. sapateiro                        | (G 2) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 165. separador                        | (G13) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 166. separador na esteira             | (G 1) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 167. serrador                         | (G 3) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 168. serralheiro                      | (G12,14) MEC             | x                                  |    |     |    |
| 169. servente de obra                 | (G 3) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 170. soldador                         | (G 5) MEC                |                                    | x  |     |    |
| 171. soldador                         | (G 3) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 172. somador de produção              | (G14) ESC-NUM            | x                                  |    |     |    |
| 173. soprador de plástico             | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 174. tapeceiro                        | (G 3) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 175. taqueador                        | (G 3) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 176. tecelão                          | (G 6) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 177. técnico de rádio transistor e TV | (G14) MEC                |                                    |    | x   |    |
| 178. técnico em química               | (G10) MEC-CIE-NUM        |                                    |    | x   |    |
| 179. tintureiro                       | (G 6) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 180. tipógrafo                        | (G12) MEC                | x                                  | x  |     |    |
| 181. torneiro                         |                          |                                    |    |     |    |
| 182. torneiro de ferramentaria (*)    |                          |                                    |    |     |    |
| 183. torneiro de manutenção (*)       |                          |                                    |    |     |    |
| 184. torneiro mecânico (*)            | (G14) MEC                |                                    | x  |     |    |
| 185. trastejista                      | (G15) MEC                | x                                  |    |     |    |
| 186. verificador de condutor          | (G14) MEC                | x                                  |    |     |    |

(\*) Modalidades da ocupação de torneiro, tendo por isso a mesma qualificação que esta, quanto a família ocupacional e nível de formação profissional.

**QUADRO I D — SERVIÇO PÚBLICO**

| OCUPAÇÕES                | FAMILIAS<br>OCUPACIONAIS | NÍVEIS DE FORMAÇÃO<br>PROFISSIONAL |    |     |    |
|--------------------------|--------------------------|------------------------------------|----|-----|----|
|                          |                          | I                                  | II | III | IV |
| 1. almoxarife            | ESC                      |                                    | x  |     |    |
| 2. ascensorista          | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 3. assistente de compra  | PE                       |                                    |    | x   |    |
| 4. auxiliar almoxarifado | ESC                      | x                                  |    |     |    |
| 5. auxiliar autópsia     | MEC-CIE                  | x                                  |    |     |    |
| 6. auxiliar estatístico  | NUM-CIE                  |                                    |    | x   |    |
| 7. auxiliar laboratório  | MEC-CIE                  |                                    |    | x   |    |
| 8. auxiliar mordomo      | SPE                      |                                    |    | x   |    |
| 9. barbeiro              | SPE                      | x                                  |    |     |    |

QUADRO I D — SERVIÇO PÚBLICO (Continuação)

| OCUPAÇÕES                        | FAMÍLIAS<br>OCUPACIONAIS | NÍVEIS DE FORMAÇÃO<br>PROFISSIONAL |    |     |    |
|----------------------------------|--------------------------|------------------------------------|----|-----|----|
|                                  |                          | I                                  | II | III | IV |
| 10. bloquista                    | MEC                      |                                    | x  |     |    |
| 11. carpinteiro                  | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 12. chefe/seção (paleografia)    | CIE                      |                                    |    |     | x  |
| 13. clorador de água             | ARL-MEC                  |                                    |    | x   |    |
| 14. colchoeiro                   | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 15. conservador (museus)         | ESC-LI-ART               |                                    |    | x   |    |
| 16. contador                     | ESC-NUM                  |                                    |    | x   |    |
| 17. costureiro                   | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 18. cozinheiro                   | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 19. dactiloscopista              | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 20. desenhista                   | MEC-NUM-ART              |                                    |    | x   |    |
| 21. dourador                     | ART                      |                                    | x  |     |    |
| 22. eletricista                  | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 23. encadernador                 | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 24. encanador                    | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 25. encarregado/transport.       | ARL-ESC                  |                                    |    | x   |    |
| 26. encarregado/material         | ESC                      |                                    |    | x   |    |
| 27. entalhador                   | MEC                      |                                    |    | x   |    |
| 28. escriturário nível I         | ESC                      |                                    |    | x   |    |
| 29. escriturário nível II        | ESC                      |                                    |    | x   |    |
| 30. ferreiro                     | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 31. fiscal instal./água e esgoto | ARL                      |                                    |    | x   |    |
| 32. fiscal sanitário             | ARL                      |                                    |    | x   |    |
| 33. foguista                     | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 34. fotógrafo                    | MEC                      |                                    | x  |     |    |
| 35. fundidor                     | MEC                      |                                    | x  |     |    |
| 36. funileiro                    | MEC                      |                                    | x  |     |    |
| 37. garagista                    | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 38. impressor                    | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 39. inspetor diversões públicas  | ARL-DRA-ESC              |                                    |    | x   |    |
| 40. jardineiro                   | ARL                      | x                                  |    |     |    |
| 41. linotipista                  | MEC                      |                                    | x  |     |    |
| 42. marceneiro                   | MEC                      |                                    |    | x   |    |
| 43. mecânico                     | MEC                      |                                    | x  |     |    |
| 44. mec. maq. escritório         | MEC                      |                                    |    | x   |    |
| 45. mecanógrafo                  | MEC                      |                                    |    | x   |    |
| 46. operador/máquinas            | MEC                      | x                                  | x  |     |    |
| 47. operador equip./eletrônico   | MEC                      |                                    |    | x   |    |
| 48. operador equip./convencional | MEC                      |                                    |    | x   |    |
| 49. operador maq. contabilidade  | MEC                      |                                    |    | x   |    |
| 50. operador raio X              | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 51. operador serv. mecanizado    | MEC                      |                                    |    | x   |    |
| 52. pautador                     | MEC                      |                                    | x  |     |    |
| 53. pedreiro                     | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 54. pintor                       | MEC-ART                  | x                                  |    |     |    |
| 55. protético                    | MEC                      |                                    |    | x   |    |
| 56. químico industrial           | CIE-MEC-NUM              |                                    |    | x   |    |
| 57. reparador geral              | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 58. revisor                      | ESC-LI                   |                                    |    | x   |    |
| 59. roupeiro                     | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 60. sapateiro                    | MEC                      | x                                  | x  |     |    |

**QUADRO I D — SERVIÇO PÚBLICO (Continuação)**

| OCUPAÇÕES                 | FAMÍLIAS<br>OCUPACIONAIS | NÍVEIS DE FORMAÇÃO<br>PROFISSIONAL |    |     |    |
|---------------------------|--------------------------|------------------------------------|----|-----|----|
|                           |                          | I                                  | II | III | IV |
| 61. serralheiro           | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 62. servente              | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 63. soldador              | MEC                      | x                                  | x  |     |    |
| 64. sondador              | MEC                      | x                                  |    |     |    |
| 65. técnico laboratório   | MEC-CIE                  |                                    |    | x   |    |
| 66. técnico material      | MEC                      |                                    |    | x   |    |
| 67. técnico contabilidade | ESC-NUM                  |                                    |    | x   |    |
| 68. técnico exposição     | ART-MEC                  |                                    |    | x   |    |
| 69. tipógrafo             | MEC                      |                                    | x  |     |    |
| 70. torneiro mecânico     | MEC                      | x                                  | x  |     |    |
| 71. trabalhador braçal    | MEC                      |                                    |    |     |    |
| 72. vassoureiro           | MEC                      | x                                  |    |     |    |

**CLASSIFICAÇÃO DAS INFORMAÇÕES ESCOLARES**

**Quadro II — Cursos profissionais existentes em São Paulo e classificados segundo a área de ensino e dependência administrativa. (\*)**

| CURSOS (**)                                | Ramo ou área de ensino     |      |       |           |       |
|--|----------------------------|------|-------|-----------|-------|
|  | Industrial                 |      |       | Comercial |       |
|  | Dependência Administrativa |      |       |           |       |
|  | DEP                        | SESI | SENAI | IEC       | SENAC |
| 001 — ajustagem mecânica                   | x                          |      | x     |           |       |
| 002 — alfaiataria                          | x                          |      | x     |           |       |
| 003 — alfaiataria                          | x                          |      |       |           |       |
| 004 — aprendizagem de enfermagem           | x                          |      |       |           |       |
| 005 — carpintaria                          | x                          |      |       |           |       |
| 006 — cortadeira                           | x                          |      |       |           |       |
| 007 — corte e costura                      | x                          |      |       |           |       |
| 008 — costureiro                           | x                          |      |       |           |       |
| 009 — desenho de plantas para construção   | x                          |      |       |           |       |
| 010 — desenho mecânico                     | x                          |      | x     |           |       |
| 011 — economia doméstica e artes aplicadas | x                          |      |       |           |       |
| 012 — edificações                          | x                          |      |       |           |       |
| 013 — eletricidade                         | x                          |      | x     |           |       |
| 014 — eletricitista enrolador              | x                          |      | x     |           |       |
| 015 — eletrônica                           | x                          |      |       |           |       |
| 016 — eletrotécnica e eletrônica           | x                          |      |       |           |       |
| 017 — encadernação                         | x                          |      | x     |           |       |
| 018 — estradas                             | x                          |      |       |           |       |
| 019 — ferramentaria                        | x                          |      | x     |           |       |
| 020 — fundição                             | x                          |      |       |           |       |
| 021 — ginásial                             | x                          |      |       |           |       |

(\*) Os "ginásios comerciais e industriais" constituem a única exceção à relação de cursos profissionais. Sua inclusão resultou de considerações sobre a possibilidade de futuros encaminhamentos de deficientes auditivos.

(\*\*) Alguns cursos têm nomes idênticos ou parecidos, o que poderia fazer supor a existência de engano no quadro. Todavia, sua citação aparentemente duplicada esconde uma diversidade de propósitos profissionalizantes que justificou a menção diferenciada dos cursos.

(Continuação)

| CURSOS  | Ramo ou área de ensino     |      |       |           |       |
|---|----------------------------|------|-------|-----------|-------|
|   | Industrial                 |      |       | Comercial |       |
|   | Dependência Administrativa |      |       |           |       |
|   | DEP                        | SESI | SENAI | IEC       | SENAC |
| 022 — marcenaria                                | x                          |      | x     |           |       |
| 023 — mecânico de automóveis                    | x                          |      | x     |           |       |
| 024 — mecânica geral                            | x                          |      | x     |           |       |
| 025 — mecânica de máquinas                      | x                          |      |       |           |       |
| 026 — mecânica (máquinas e motores)             | x                          |      |       |           |       |
| 027 — serralheria                               | x                          |      | x     |           |       |
| 028 — técnico de agrimensura                    | x                          |      |       |           |       |
| 029 — técnico de cerâmica                       | x                          |      |       |           |       |
| 030 — técnico de decoração                      | x                          |      |       |           |       |
| 031 — técnico de desenho de comunicação         | x                          |      |       |           |       |
| 032 — técnico de desenho mecânico               | x                          |      |       |           |       |
| 033 — técnico de dietética                      | x                          |      |       |           |       |
| 034 — téc. de economia doméstica e A. Aplicadas | x                          |      |       |           |       |
| 035 — técnico de laboratório                    | x                          |      |       |           |       |
| 036 — técnico de metalurgia                     | x                          |      |       |           |       |
| 037 — técnico de nutrição                       | x                          |      |       |           |       |
| 038 — técnico de prótese dentária               | x                          |      |       |           |       |
| 039 — técnico de química industrial             | x                          |      |       |           |       |
| 040 — técnico de química em couros              | x                          |      |       |           |       |
| 041 — técnico têxtil                            | x                          |      |       |           |       |
| 042 — tecnologia de alimentos                   | x                          |      |       |           |       |
| 043 — telecomunicações                          | x                          |      |       |           |       |
| 044 — tecnol. e leit. c/ interpret. de desenho  | x                          |      |       |           |       |
| 045 — tipografia                                | x                          |      |       |           |       |
| 046 — torneiro                                  | x                          |      |       |           |       |
| 047 — torneiro mecânico                         | x                          |      | x     |           |       |
| 048 — têxteis e vestuários                      | x                          |      |       |           |       |
| 049 — artes industriais                         |                            | x    |       |           |       |
| 050 — acabador de calçados                      |                            |      | x     |           |       |
| 051 — vidreiro                                  |                            |      | x     |           |       |
| 052 — mecânico de rádio                         |                            |      | x     |           |       |
| 053 — mecanotipista (linotipista)               |                            |      | x     |           |       |
| 054 — mestria de fiação de algodão (lã)         |                            |      | x     |           |       |
| 055 — mestria de tecelagem                      |                            |      | x     |           |       |
| 056 — montador de bicos de calçados             |                            |      | x     |           |       |
| 057 — palmilhador de calçados                   |                            |      | x     |           |       |
| 058 — pautador                                  |                            |      | x     |           |       |
| 059 — pedreiro                                  |                            |      | x     |           |       |
| 060 — pespontador de calçados                   |                            |      | x     |           |       |
| 061 — pautador de calçados                      |                            |      | x     |           |       |
| 062 — tapeceiro estofador                       |                            |      | x     |           |       |
| 063 — relojoeiro                                |                            |      | x     |           |       |
| 064 — reparador de ap. dom. de refrigeração     |                            |      | x     |           |       |
| 065 — reparador de ap. eletro-domésticos        |                            |      | x     |           |       |
| 066 — reparador de receptores de TV             |                            |      | x     |           |       |
| 067 — retificador mecânico                      |                            |      | x     |           |       |
| 068 — retocador de fofolito                     |                            |      | x     |           |       |
| 069 — soldador                                  |                            |      | x     |           |       |
| 070 — mecânico eletricitista                    |                            |      | x     |           |       |

(Continuação)

| CURSOS   | Ramo ou área de ensino     |          |           |           |           |
|--|----------------------------|----------|-----------|-----------|-----------|
|  | Industrial                 |          |           | Comercial |           |
|  | Dependência Administrativa |          |           |           |           |
|  | DEP                        | SESI     | SENAI     | IEC       | SENAC     |
| 071 — fresador                                   |                            |          | X         |           |           |
| 072 — fundidor moldador                          |                            |          | X         |           |           |
| 073 — gravador de fotolito                       |                            |          | X         |           |           |
| 074 — joalheiro                                  |                            |          | X         |           |           |
| 075 — impressor                                  |                            |          | X         |           |           |
| 076 — latoeiro ou funileiro                      |                            |          | X         |           |           |
| 077 — lustrador de móveis                        |                            |          | X         |           |           |
| 078 — electricista de automóvel                  |                            |          | X         |           |           |
| 079 — encanador                                  |                            |          | X         |           |           |
| 080 — compositor manual                          |                            |          | X         |           |           |
| 081 — cortador de calçados                       |                            |          | X         |           |           |
| 082 — electricista instalador                    |                            |          | X         |           |           |
| 083 — carpinteiro de esquadrias                  |                            |          | X         |           |           |
| 084 — técnico de contabilidade                   |                            |          |           | X         |           |
| 085 — ginásio comercial                          |                            |          |           | X         |           |
| 086 — téc. em administração de empresas          |                            |          |           | X         |           |
| 087 — técnico em secretariado                    |                            |          |           | X         |           |
| 088 — aprendizagem comercial                     |                            |          |           |           | X         |
| 089 — almoxarife (de ap. em armazem em geral)    |                            |          |           |           | X         |
| 090 — ascensorista                               |                            |          |           |           | X         |
| 091 — barbeiro                                   |                            |          |           |           | X         |
| 092 — cozinheiro                                 |                            |          |           |           | X         |
| 093 — auxiliar de escritório                     |                            |          |           |           | X         |
| 094 — cabeleireiro                               |                            |          |           |           | X         |
| 095 — caixa de lojas                             |                            |          |           |           | X         |
| 096 — preparatório (ginásio ou cur. de ap. com.) |                            |          |           |           | X         |
| 097 — formação de cabeleireiro                   |                            |          |           |           | X         |
| 098 — treinamento de balconista                  |                            |          |           |           | X         |
| 099 — datilografia                               |                            |          |           |           | X         |
| 100 — empacotamento (simples e ornamental)       |                            |          |           |           | X         |
| 101 — garçom                                     |                            |          |           |           | X         |
| 102 — iniciação profissional                     |                            |          |           |           | X         |
| 103 — ótico prático                              |                            |          |           |           | X         |
| 104 — pré-profissional                           |                            |          |           |           | X         |
| 105 — vendedor                                   |                            |          |           |           | X         |
| 106 — vitrinista                                 |                            |          |           |           | X         |
| 107 — zelador de edifício                        |                            |          |           |           | X         |
| <b>TOTAL</b>                                     | <b>48</b>                  | <b>1</b> | <b>46</b> | <b>4</b>  | <b>20</b> |

## PARTE IV

### DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

#### SÍNTESE E CONCLUSÕES

##### 1. SÍNTESE

Procuraremos discutir agora, de modo genérico e sucinto, os dados quantitativos e qualitativos a que chegamos.

Vamos destacar aqui três questões que nos parecem muito importantes:

A) O problema da recusa dos empregadores em aceitar deficientes auditivos.

B) O tipo de ocupação indicada pelos informantes como compatível com a deficiência auditiva.

C) A questão da preparação profissional do deficiente auditivo.

##### A) POR QUE NÃO EMPREGAR UM DEFICIENTE AUDITIVO?

Esse problema existiu no âmbito do **serviço público**, não ao nível dos entrevistados, mas ao nível da própria legislação a que já nos referimos na Parte II desta publicação.

A.1. **Serviço Público Estadual** — As profissões consideradas pelo DAPE compatíveis com a deficiência auditiva existem, enquanto cargos, nos seguintes órgãos do Serviço Público Estadual: 1. Casa Civil; 2. Secretaria da Promoção Social; 3. Secretaria da Justiça; 4. Secretaria da Segurança Pública; 5. Secretaria da Educação; 6. Secretaria da Saúde Pública; 7. Secretaria do Trabalho e Administração; 8. Secretaria da Agricultura; 9. Secretaria dos Serviços e Obras Públicas; 10. Secretaria dos Transportes; 11. Secretaria da Fazenda; 12. Secretaria da Economia e Planejamento; 13. Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo; 14. Secretaria do Interior; 15. Departamento de Água e Esgotos; 16. Departamento de Águas e Ener-

gia Elétrica; 17. Departamento de Obras Públicas; 18. Departamento de Estradas de Rodagem; 19. Hospital das Clínicas de São Paulo; 20. Universidade de São Paulo; 21. Caixa Econômica do Estado de São Paulo.

Todavia, o ingresso em qualquer uma das profissões indicadas, seja em caráter efetivo ou não, depende de um certificado de Sanidade Física e Mental fornecido pelo Departamento Médico do Estado. Este, porém, segundo entrevista que lá realizamos, interpreta de maneira restritiva o art. 47, cap. XII do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado, e considera a deficiência auditiva um **fator impediante** ao ingresso no funcionalismo. Atualmente, existe um processo no DAPE, encaminhado pelo Exmo. Sr. Diretor do Instituto Geográfico e Geológico da Secretaria da Agricultura, solicitando admissão de um aluno do DERDIC para aquela repartição. Este aluno estagia, há vários meses, na Biblioteca do referido Instituto, onde tem-se sobressaído por sua dedicação e eficiência. No Processo, o encaminhante invoca o Decreto 42.850 de 30-12-63, que em sua Seção V trata da admissão ao serviço público (não em caráter efetivo) de indivíduos com **capacidade reduzida**. Segundo esse diploma legal, o DAPE e o DAMSPE (Departamento Médico do Estado) deverão pronunciar-se sobre a questão que não tem um interesse restrito mas que diz respeito a todo um grupo de indivíduos.

A.2. **Serviço Público Municipal** — A discriminação dos órgãos em que existem os cargos relativos às profissões indicadas para o deficiente auditivo não foi possível, pois o DAMU não possuía relação nesse sentido.

A legislação de 1960/65 a que já nos referimos é uma legislação **taxativa**. Enumera as funções às quais o deficiente auditivo pode candidatar-se. Ocorre, porém, que diplomas legais posteriores determinaram um desdobramento de algumas dessas funções. Assim, nossa lista passou de 9 funções (Decreto Municipal, n.º 6.303 de 03-12-65) para 17 ocupações (Lei - 7.265/69).

Todos os dispositivos legais citados e a interpretação que se lhes dá contribuem para restringir (e não para facilitar) o ingresso do deficiente auditivo no funcionalismo público.

A.3. No âmbito das **empresas particulares**, houve uma taxa de recusa em empregar o deficiente auditivo, variando de 20% a 70%. A Tabela 1 resume esses resultados.

**TABELA 1**

**FIRMAS VISITADAS, CONFORME TENHAM ABERTO, NÃO TENHAM ABERTO OU TENHAM ABERTO CONDICIONALMENTE POSSIBILIDADE DE TRABALHO PARA O DEFICIENTE AUDITIVO**

| Firmas Visitadas<br>Tipo da Empresa | Abriram    |             | Não Abriram |             | Abriram condicionalmente |            | Total (100%) |
|-------------------------------------|------------|-------------|-------------|-------------|--------------------------|------------|--------------|
|                                     | N.º        | %           | N.º         | %           | N.º                      | %          | N.º          |
| Bancos                              | 47         | 57,3        | 18          | 21,9        | 17                       | 20,7       | 82           |
| Financeiras                         | 16         | 31,3        | 29          | 56,8        | 6                        | 11,9       | 51           |
| Indústrias                          | 221        | 67,3        | 100         | 30,4        | 7                        | 2,3        | 328          |
| Estabelecimentos Comerciais         | 113        | 31,3        | 247         | 68,7        | 0                        | 0          | 360          |
| <b>Total</b>                        | <b>397</b> | <b>48,3</b> | <b>394</b>  | <b>47,9</b> | <b>30</b>                | <b>3,6</b> | <b>821</b>   |

Como se pode observar, das 821 firmas visitadas abrem-se possibilidades em 51,9% delas (incluindo as que abrem **condicionalmente**, isto é, na dependência de consultas a diretoria, convênios, etc.), ou seja, pouco mais da metade. Embora não se possa falar que existam possibilidades concretas e imediatas de trabalho nessas firmas (já que a consulta aos empregadores não foi em termos de **emprego** mas em termos de **possibilidades de trabalho**), pode-se afirmar que existe um **mercado potencial** para o deficiente auditivo. Se considerarmos que na cidade de São Paulo há 25.321 firmas que conseguimos localizar, poderemos afirmar que as nossas 427 firmas

da amostra que **abrem** possibilidade ou **abrem** **condicionalmente** representam cerca de 1,6% do universo de que partimos. Há, pois, muito que explorar para tornar efetiva a demanda potencial.

Todavia, é preciso considerar que, se nossa amostra representa 3,2% das firmas localizadas na capital de São Paulo, cerca de 48% (47,9 mais precisamente) das que consultamos não abrem possibilidades de trabalho para o deficiente auditivo. Conviria, pois, examinar as razões da recusa. A Tabela 2 sumaria esses dados.

**TABELA 2**

**MOTIVOS ALEGADOS POR FIRMAS VISITADAS, PARA NÃO ABRIR  
POSSIBILIDADE DE TRABALHO AO DEFICIENTE AUDITIVO**

| Tipo de Empresa / Motivos Alegados    | Bancos |       | Financeiras |       | Indústrias |       | Estabelecimentos comerciais |       | Total |       |
|---------------------------------------|--------|-------|-------------|-------|------------|-------|-----------------------------|-------|-------|-------|
|                                       | N.º    | %     | N.º         | %     | N.º        | %     | N.º                         | %     | N.º   | %     |
| Serviço Perigoso                      | —      | —     | —           | —     | 21         | 19,8  | 2                           | 0,7   | 23    | 5,4   |
| Ruído Intenso                         | —      | —     | —           | —     | 11         | 10,3  | 1                           | 0,3   | 12    | 2,8   |
| Ocupação exige comunicação intensa    | —      | —     | —           | —     | 23         | 21,6  | 230                         | 85,1  | 253   | 59,8  |
| Empresa em reestruturação ou extinção | —      | —     | —           | —     | 8          | 7,4   | —                           | —     | 8     | 1,9   |
| Inexistência de Empregados            | —      | —     | —           | —     | —          | —     | 10                          | 3,7   | 10    | 2,4   |
| Experiência anterior negativa         | —      | —     | —           | —     | 1          | 0,9   | —                           | —     | 1     | 0,2   |
| Outros                                | —      | —     | —           | —     | 2          | 1,8   | —                           | —     | 2     | 0,5   |
| Não declarado                         | 18     | 100,0 | 29          | 100,0 | 40         | 37,7  | 27                          | 10,0  | 114   | 27,0  |
| Total                                 | 18     | 100,0 | 29          | 100,0 | 106        | 100,0 | 270                         | 100,0 | 423   | 100,0 |

Embora na Tabela 1, o número de firmas que não abriram possibilidade tenha sido de 394, na Tabela 2, o total é de 423: a diferença se explica pelo fato de muitas empresas terem oferecido mais de uma alegação para a recusa. Examinando-se os motivos apresentados constatamos que o mais apontado foi o de que as ocupações existentes na firma "exigem comunicação intensa". Esse motivo foi o mais freqüente no setor de comércio, onde chegou a 85% das razões apresentadas. Tal constatação está de acordo com o que esperávamos encontrar pois, realmente, no comércio, a comunicação é importante.

A seguir, vêm as alegações de que o serviço da empresa é perigoso, ou de que há na firma ruído muito intenso. Essas alega-

ções foram maiores no setor industrial, como era de se esperar. Também elas estão de acordo com nossas expectativas, pois foram as seguintes as principais contra-indicações médicas levantadas por nosso assessor técnico, Dr. Mauro Spinelli:

**1. Relacionadas à segurança física** — Todo trabalho em que a segurança dependa do sentido de audição é contra-indicado para os deficientes auditivos. Por exemplo, atividades em que a audição do ruído da máquina alerta o trabalhador para o perigo;

**2. Relacionadas à conservação da audição** — Quase todos os deficientes auditivos apresentam capacidade para ouvir alguns sons e esta capacidade, principalmente se bem



treinada, é muito útil para eles; é preciso conservá-la. A exposição a ruídos muito intensos (principalmente se compostos de notas graves) pode causar a perda destes resíduos úteis; portanto, todos aqueles indivíduos, e mais especificamente os que usam aparelho auxiliar, não devem trabalhar em ambiente de nível de ruído elevado (por exemplo, algumas indústrias mecânicas, têxteis, marcenarias, etc.)” (15).

Em nossa amostra, esse foi o caso, por exemplo, do grupo industrial de TRANSPORTES.

Porém, há dois dados que merecem reflexão:

1.º) — O fato de que apenas uma empresa (industrial) alegou experiência anterior negativa com empregado deficiente auditivo. Aparentemente, esse seria um fato auspicioso. Na prática, porém, sabemos que é, ao contrário, indício de uma realidade negativa: muito poucos são os deficientes auditivos em condições de prover sua própria subsistência. Os dados que coletamos junto aos ex-alunos de duas instituições para educação de deficientes auditivos, confirmam essa suposição. Assim, entrevistamos 36 ex-alunos (64%) e deixamos de localizar 20 ex-alunos do universo de 56. Dos 36, 75% (27) pertenciam ao sexo feminino e 25% (9), ao sexo masculino. Todos poderiam já ter tido experiência profissional, pois sua idade variava de 14 a 50 anos. Todavia 21 (58,3%) nunca trabalharam, e 6 (16,7%) já trabalharam e deixaram de fazê-lo, ou por não se terem adaptado ao serviço ou por não terem conseguido produzir bem, tendo sido despedidos. Apenas 9 (25%) trabalham atualmente mas, assim mesmo, em atividades quase que só artesanais. O deficiente auditivo ainda é um marginal no mercado de trabalho, graças, inclusive, a seu próprio despreparo profissional. Dos ex-alunos que entrevistamos, nenhum havia recebido uma formação profissionalizante regular, embora 9 tivessem concluído o ginásio e 18, o primário.

2.º) — O outro fato que merece reflexão diz respeito ao dado de que quase 30% das firmas que não abriram possibilidade ao deficiente auditivo, deixaram de declarar o motivo. A partir das informações que coletamos, quer-nos parecer que esse seria um mercado a conquistar pois a ele não se aplicaria a ressalva das **contra-indicações médicas** ou da necessidade de **comunicação intensa**. Considerações acerca da pouca rentabilidade do deficiente podem estar implícitas. Para responder só há uma forma: preparar convenientemente o deficiente auditivo para que possa vir a ser um profissional produtivo e colocá-lo no mercado de trabalho para mostrar que ele **pode**, efetivamente, ser um bom profissional.

De qualquer forma, julgamos imperiosa a necessidade de se trabalhar no sentido de modificar a imagem do deficiente auditivo na comunidade, que ainda é, em boa parte, uma imagem negativa, feita de impossibilidades e não de possibilidades; aquela imagem que vê no deficiente um “incapaz”, um ser que precisa de tutela e proteção pela vida afora. Como escreve Fusfeld “quando o empregador prefere não empregar uma pessoa com deficiência auditiva por causa do tempo extra requerido para comunicação ou por causa do risco de erro provocado por um mal entendido, as chances de emprego para o deficiente diminuem consideravelmente” (16). Aliás, na XII Conferência Internacional de Serviço Social realizada em Atenas no ano de 1964, já se recomendava a adoção “em âmbito internacional, de medidas em maior escala a fim de mudar a atitude dos empregadores em face do emprego de deficientes. Os serviços de Orientação Vocacional em todo o mundo deveriam tentar uma integração maior com as agências de emprego” (17). Uma política conjunta de esclarecimento público sobre o que realmente se entende hoje por deficiência auditiva poderia contribuir, inclusive, para a criação de uma nova imagem do deficiente auditivo: de uma imagem mais positiva, porque mais completa e objetiva; de uma imagem que começasse, por exemplo, por proscrever a expressão **surdo-mudo**, indi-

cadora de uma ausência total da capacidade para ouvir e falar, substituindo-a pela expressão mais científica de **deficiente auditivo**, expressão, esta, indicativa de uma capacidade apenas deficitária de comunicação. Não se pode esquecer que a imagem pública do deficiente auditivo tem sempre efeitos sobre o mercado de trabalho existente para ele, numa dada sociedade.

Passemos agora à discussão dos resultados gerais a que chegamos sobre o tipo de ocupação considerada pelos nossos informan-

tes, como sendo compatível com a deficiência auditiva.

#### B) EM QUE EMPREGAR UM DEFICIENTE AUDITIVO?

A Tabela 3 procura resumir os dados numéricos que apresentamos nos quadros II, da Parte III, quando arrolamos e classificamos todas as ocupações indicadas, de acordo com o ramo respectivo de atividade econômica.

**TABELA 3**  
OCUPAÇÕES CONSIDERADAS PELOS INFORMANTES COMO COMPATÍVEIS COM A DEFICIÊNCIA AUDITIVA

| Ocupações indicadas<br>Ramo de Atividade econômica | N.º | %     |
|--|-----|-------|
| Bancos e Financeiras                               | 18  | 5,5   |
| Comércio   | 51  | 15,5  |
| Indústria  | 186 | 56,8  |
| Serviço Público                                    | 72  | 22,0  |
| Total  | 327 | 100,0 |

O total de 327 discrepa ligeiramente do total de 323 ocupações a que já nos referimos na introdução, como sendo o mercado potencial para o deficiente auditivo. Isso se explica pelo fato de que na listagem final eliminamos algumas ocupações idênticas, que apareciam repetidas em mais de um ramo econômico. Os dados da Tabela 3 evidenciam que a maior concentração de possibilidades está no campo da indústria onde foram levantadas 186 indicações (56,8% do total obtido). Esse dado, em si, é pouco surpreendente, se considerarmos que o universo de que partimos, representado pelo parque industrial de São Paulo, é muito maior do que o universo das firmas comerciais, por exemplo, que conseguimos

localizar. Todavia, se considerarmos a Tabela 1 da parte IV, verificaremos que esse dado ganha um significado novo ao constatarmos que em nossa amostra, o número de indústrias foi menor que o dos estabelecimentos comerciais, por exemplo. Nesse sentido a maior "favorabilidade" potencial da indústria tem que ser, pois, explicada em outros termos. Uma interpretação possível seria a de que o ramo industrial é mais diversificado e mais dinâmico do que o de comércio, por exemplo. Pode-se pensar, também, que é grande o contingente das ocupações industriais que não exigem comunicação muito intensa, enquanto que esta seria mais requerida no comércio, conforme demonstramos, aliás, na

Tabela 2. Por outro lado, pudemos constatar certa semelhança entre as ocupações do ramo de comércio e do de bancos e financeiras. Basta dizer que, no comércio, a ocupação mais freqüentemente indicada foi a de caixa, vindo a seguir a de auxiliar de escritório. No ramo dos bancos e financeiras, a indicação mais

freqüente foi de auxiliar de escritório, vindo a seguir o datilógrafo. Algumas dessas repetiram-se, também, no Serviço Público. No ramo da indústria, as profissões apontadas se distribuem de forma diferencial entre os 18 grupos da classificação SENAI. A Tabela 4 ilustra esses resultados.

**TABELA 4**

**DISTRIBUIÇÃO DAS PROFISSÕES CONSIDERADAS COMPATÍVEIS COM A DEFICIÊNCIA AUDITIVA, PELOS 18 GRUPOS INDUSTRIAIS (CLASSIFICAÇÃO SENAI)**

| Grupos<br>Ocupações | Grupos |      |     |     |     |     |     |     |     |     |     |      |     |      |     |     |     |     |       |
|---------------------|--------|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|-----|------|-----|-----|-----|-----|-------|
|                     | 1      | 2    | 3   | 4   | 5   | 6   | 7   | 8   | 9   | 10  | 11  | 12   | 13  | 14   | 15  | 99  | T   | C   | Total |
| N.º                 | 10     | 26   | 15  | 5   | 2   | 18  | 2   | 6   | 7   | 7   | 4   | 28   | 15  | 54   | 7   | 4   | 3   | 0   | 213   |
| %                   | 4,6    | 12,2 | 7,0 | 2,3 | 0,9 | 8,4 | 0,9 | 2,8 | 3,2 | 3,2 | 1,8 | 13,1 | 7,0 | 25,3 | 3,2 | 1,8 | 1,4 | 0,0 | 100,0 |

Algumas ocupações aparecem em mais de um grupo, o que alterou o total de 186 profissões levantadas na área da indústria, aumentando-o aparentemente para 213. Como se pode observar, a maior concentração ocorreu no grupo 14 — Mecânica e Material Elétrico, aliás, um dos mais numerosos do parque industrial paulistano. Vêm a seguir — muito próximos — os grupos 12: indústrias gráficas e 2: indústrias de vestuário. Esses resultados permitem entrever certas possibilidades em termos de encaminhamento profissional e de formação do deficiente auditi-

vo. Podem, por exemplo, definir ênfases relativas em termos de opções curriculares, de programas de estágios e visitas com a finalidade de informação profissional, e assim por diante.

Um outro resultado que merece ser discutido é a distribuição das profissões arroladas, conforme os níveis de formação profissional de Maurílio Leite de Araújo Filho. A Tabela 5 resume os dados que obtivemos a esse respeito.

**TABELA 5**

**DISTRIBUIÇÃO DAS PROFISSÕES CONSIDERADAS COMPATÍVEIS COM A DEFICIÊNCIA AUDITIVA, PELOS 4 NÍVEIS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL (CLASSIFICAÇÃO DE MAURÍLIO LEITE DE ARAUJO FILHO) E POR RAMO DE ATIVIDADE ECONÔMICA**

| Ramos de Atividade Econômica<br>Níveis | Bancos e Finanças |      | Comércio |      | Indústria |      | Serviço Público |      | Resultado |       |
|--|-------------------|------|----------|------|-----------|------|-----------------|------|-----------|-------|
|  | N.º               | %    | N.º      | %    | N.º       | %    | N.º             | %    | Total     |       |
|  |                   |      |          |      |           |      |                 |      | N.º       | %     |
| I Não qualificado semi-qualificado     | 9                 | 3,7  | 43       | 17,9 | 158       | 65,8 | 30              | 12,5 | 240       | 69,1  |
| II Qualificado de nível inferior       | 9                 | 16,0 | 10       | 17,8 | 23        | 41,0 | 14              | 25,0 | 56        | 16,1  |
| III Qualificado de nível médio         | 4                 | 8,1  | 5        | 10,2 | 11        | 22,4 | 29              | 59,1 | 49        | 14,4  |
| IV Qualificado de nível superior       | —                 | —    | —        | —    | —         | —    | 2               | 10,6 | 2         | 0,5   |
| Total                                  | 22                | —    | 58       | —    | 192       | —    | 75              | —    | 347       | 100,0 |

Os dados obtidos mais uma vez não conferem com o total de 327 ocupações da Tabela 3. A diferença se explica pelo fato de que, para algumas profissões, informantes diferentes exigiram níveis de formação também distintos. Por isso, ocupações como “caixa”, “pintor”, e outras aparecem computadas mais de uma vez na Tabela 5. Os resultados indicam que, na opinião de nossos entrevistados, a maioria (69,1%) das profissões julgadas compatíveis com a deficiência auditiva são aquelas ditas “não qualificadas ou semi-qualificadas”. Trata-se, como já dissemos, de ocupações muito simples, cujo adestramento profissional pode ser feito em serviço ou em cursos rápidos exigindo, quando muito, um nível de escolaridade anterior equivalente ao primário. Das profissões de Nível I, cerca de dois terços encontram-se no ramo industrial (65,8%). Maior concentração na indústria também se verifica no tocante às profissões de Nível II, as quais exigem uma aprendizagem profissional sistemática de maior duração, pressupondo um nível de escolaridade equivalente ao primário completo.

Finalmente, quanto ao Nível III, apenas 14,4% do total de profissões indicadas puderam enquadrar-se nessa categoria que exige, basicamente, uma escolaridade equivalente ao 1.º ciclo completo e uma formação profissional em cursos de 2.º grau. Quase dois terços delas (59,1%) incluem-se na área de serviço público, responsável, também, pelas duas únicas indicações de profissão do Nível IV — “chefe de seção de paleografia” e “contador”. As profissões de Nível IV exigem escolaridade anterior de 2.º grau e formação profissional em nível superior. Portanto, verificamos que a maioria dos empregadores potenciais do deficiente auditivo julga que ele só poderá exercer profissões com níveis inferiores de qualificação. Ao mesmo tempo, se confrontarmos os resultados da Tabela 3 com os da Tabela 5, chegaremos à conclusão de que, se em São Paulo as maiores possibilidades de trabalho para o deficiente auditivo situam-se na indústria, por outro lado, cerca de 85,2% do total de profissões indicadas exigem apenas Nível I ou II de formação profissional (taxa que sobe na indústria, a 94,2%).

A proporção das profissões indicadas em todos os ramos e que se enquadram nos Níveis III e IV não chega a 15% do total, sendo que, dessas, a taxa mais expressiva está no Serviço Público.

Essa maior concentração das indicações feitas nos níveis elementares de qualificação profissional está de acordo com dados obtidos através de consulta à bibliografia internacional sobre o assunto. Parece que, realmente, quando o deficiente auditivo chega a trabalhar, encontra a seu dispor apenas oportunidades de trabalho relativamente não muito especializado. Essa situação expressa ainda, de certa maneira, uma visão negativa do deficiente auditivo, uma descrença em suas possibilidades. É certo que até agora pouco

se conhecia de científico acerca da deficiência auditiva. Nós, porém, que professamos uma filosofia de abertura indagamos: o que tem sido deve continuar necessariamente a sê-lo?

Julgamos também necessário fazer um ligeiro comentário sobre nossa classificação das ocupações indicadas para o deficiente auditivo, segundo as "famílias ocupacionais" de H. Geist. Embora tenhamos omitido desta publicação os quadros que, no relatório original, apresentam cada "família" com as respectivas ocupações, seria interessante mostrar, em dados numéricos, qual a distribuição dessas ocupações pelas 12 famílias. É o que ilustra a Tabela 6.

**TABELA 6**

**DISTRIBUIÇÃO DAS OCUPAÇÕES INDICADAS PARA O DEFICIENTE AUDITIVO, PELAS DOZE "FAMÍLIAS OCUPACIONAIS" DE H. GEIST**

| Profissões          | Nome | Persuasivas | De Escritório | Mecânicas | Musicais | Científicas | Exercidas ao ar livre | Literárias | Numéricas | Artísticas | De Serviço Social | Dramáticas | De Serviço Pessoal | Total |
|---------------------|------|-------------|---------------|-----------|----------|-------------|-----------------------|------------|-----------|------------|-------------------|------------|--------------------|-------|
|                     |      | N.º         | I             | II        | III      | IV          | V                     | VI         | VII       | VIII       | IX                | X          | XI                 | XII   |
| Família             | N.º  | 2           | 33            | 264       | 0        | 9           | 14                    | 4          | 18        | 20         | 1                 | 1          | 4                  | 370   |
| Ocupações indicadas | %    | 0,5         | 8,9           | 71,3      | 0,0      | 2,4         | 3,7                   | 1,0        | 4,8       | 5,4        | 0,2               | 0,2        | 1,0                | 100,0 |

O total de 370 ocupações da Tabela 6 também não confere com o total de 327 da Tabela 3, porque algumas delas foram classificadas em mais de uma família ocupacional. De acordo com a Tabela 6, a maior concentração ocorreu na família das Profissões mecânicas (71,3%), o que é compreensível se lembrarmos que o maior número de indicações

feitas pelos informantes situou-se na indústria (v. Tabela 3) e, dentro desta, no grupo 14 — indústrias mecânicas e de material elétrico (v. Tabela 4). Por ordem vêm, a seguir, as famílias II e VIII, embora seus números estejam muito longe do que representa a família III. Esses dados também são esperados, se levarmos em conta que as profissões de escri-

tório e as profissões numéricas apareceram tanto no ramo de serviço público, como no de comércio e bancos e financeiras. É de se notar que a família das profissões artísticas em geral (IV - IX - XI) teve uma pequena representatividade o que pode ser consequência do tipo de informantes a que recorreremos, ou da consciência das limitações da deficiência auditiva, para certas áreas artísticas.

Também o grupo das profissões persuasivas apareceu com baixa frequência, o que seria de se esperar, tendo em vista a exigência de comunicação intensa. Como já afirmamos, essa classificação é ainda experimental, e sua principal virtude reside no fato de permitir aos responsáveis pela educação do deficiente auditivo estabelecer uma ligação entre seus interesses individuais e as possibilidades do mercado de trabalho.

Finalmente, uma palavra acerca da categorização das profissões indicadas, em termos dos níveis de comunicação oral estabelecidos pela Prof.<sup>a</sup> Cláudia Lemos, e que vão descritos a seguir.

#### NÍVEL I

##### Recepção mínima

- a) isto significa que o indivíduo não percebe praticamente o que lhe é dito com exceção de: palavras curtas (mono ou dissílabas), constituídas de algumas consoantes (principalmente p, b, m, t, d) e das vogais mais diferenciadas (a, i, u, ó) vocábulos estes acentuados, pronunciados isoladamente ou colocados no final de frase, ou pronunciados enfaticamente. Exemplos: Não. — Casa. — Ele pegou a bola. — Foi a porta que bateu. (ênfase);
- b) neste nível, a compreensão se limita a nomes de objetos e pessoas pertencentes ao vocabulário cotidiano, como partes do corpo, membros da família e objetos de uso pessoal;
- c) não utiliza o elemento percebido, nem a situação, como pistas na de-

dução dos elementos não percebidos, servindo-se apenas dos gestos e da mímica facial de seu interlocutor.

##### Emissão mínima

- a1) isto significa que o indivíduo não é capaz de pronunciar todos os sons da fala, limitando-se aos sons oclusivos (p, t, k), à nasal m, e às vogais mais diferenciadas (a, i, u) e a vocábulos dissílabos ou monossílabos;
- a2) quanto à voz: o timbre (qualidade), tom e intensidade, apresentam-se muito alterados, prejudicando, assim, a inteligibilidade da fala;
- b) utiliza apenas nomes que se referem a pessoas e objetos pertencentes ao vocabulário cotidiano, podendo, contudo, ampliar vocabulário deste tipo;
- c) utiliza em alto grau gestos imitativos e simbólicos, podendo, através deles, compensar altamente a dificuldade de expressão nas situações mais usuais de comunicação (linguagem prática).

#### NÍVEL II

##### Recepção inferior

- a) neste nível, o indivíduo não percebe, do que lhe é dito, senão palavras acentuadas, pronunciadas com maior intensidade, como as que se acham no início ou no fim da frase, ou são pronunciadas com ênfase. Ex.: Pega o livro que caiu;
- b) neste nível, a compreensão se estende também a adjetivos como os indicativos de cor, tamanho, qualidade, e a verbos que indicam ações concretas como falar, comer, beber, pegar, andar, etc.;

- c) não utiliza suficientemente a situação nem os elementos da frase que percebe como pistas para a dedução dos elementos não percebidos.

#### **Emissão inferior**

- a1) é capaz de pronunciar mais alguns sons, porém não os realiza em todos os tipos de vocábulos; as consoantes sibilantes (s, z) lhe são mais difíceis. Ex.: **sapo**, que pode ser pronunciado como **chapo** ou **tapo**, ou simplesmente com omissão do s=**apo**. Não é capaz de emitir interrogativa de forma distinta da declarativa, sendo, geralmente, monótona e silabada sua emissão;
- a2) quanto à voz, timbre, tom e intensidade, ainda se apresentam alterados o bastante para prejudicar em grande parte a inteligibilidade de sua fala;
- b) utiliza, neste nível, a frase mínima, constituída de nomes substantivos e verbos de ação, ocorrendo também o uso de alguns adjetivos;
- c) utiliza ainda, intensivamente, gestos imitativos e simbólicos para compensar sua dificuldade de expressão.

#### **Nível III — Recepção média para inferior**

- a) isto significa que, neste nível, o indivíduo percebe palavras acentuadas colocadas no início, meio e fim da frase, constituídas de um número maior de consoantes e de todas as vogais orais e nasais. Continua, porém, a dificuldade de perceber segmentos átonos ou fracos como preposições, conjunções, pronomes, etc.. Exemplo: **O livro que você quer está na estante;**
- b) quanto à compreensão, neste nível o indivíduo compreende frases um

pouco mais extensas e um pouco mais complexas, constituídas de substantivos e verbos de ação, e de outros elementos como possessivos, numerais, advérbios e locuções indicativas de lugar e tempo. Exemplo: **Três homens passaram na rua;**

- c) neste nível, o indivíduo utiliza mais a situação e os elementos percebidos para a dedução dos elementos não percebidos.

#### **Emissão média para inferior**

- a1) neste nível, o indivíduo é capaz de pronunciar todas, ou quase todas, as vogais orais e grande parte das consoantes, tendo ainda dificuldades na emissão das vogais nasais e das sibilantes, como s, z. Não realiza ainda, de forma distinta, as diferentes melodias das frases, como a da interrogativa com relação à declarativa, etc.;
- a2) quanto à voz, timbre, tom e intensidade, há uma alteração menor que não chega a prejudicar de forma séria a inteligibilidade de sua fala;
- b) é capaz de utilizar frase pouco mais complexa, constituída de outros elementos além dos substantivos, adjetivos e verbos de ação, não usando, porém, de forma constante as desinências verbais para indicar tempo e pessoa, por exemplo. É igualmente inconstante o uso de preposições, servindo-se, portanto, mais da ordem das palavras para exprimir a ligação de sentido entre elas;
- c) ainda utiliza gestos imitativos e simbólicos para compensar seu problema de comunicação, porém com menor intensidade.

#### **NÍVEL IV — Recepção média para superior**

- a) neste nível, o indivíduo é capaz de perceber, além dos vocábulos acentuados, os átonos ou fracos que ficam nas partes da frase que são pronunciadas com maior intensidade, isto é, o início, o fim e aquelas em que a intensidade é usada para enfatizar seu significado;
- b) quanto à compreensão, já inclui período composto com mais de uma oração ligada, por exemplo, por e, mas, orações estas em que podem estar presentes elementos mais complexos, como os que indicam causa, finalidade, tempo, etc. e, principalmente, pronomes;
- c) utiliza os elementos percebidos e a situação, de modo a deduzir todos ou quase todos os elementos restantes da frase.

#### **Emissão média para superior**

- a1) neste nível, o indivíduo pronuncia, praticamente, todos os sons da fala portuguesa, apesar de apresentar algumas distorções, distorções estas que não dificultam o reconhecimento dos sons por parte do interlocutor. Apresenta, também, as diferenças melódicas que caracterizam as orações declarativas, etc., de forma razoável;
- a2) não se registra, quanto à voz, alteração de tom, timbre e intensidade, mas apenas de inflexão;
- b) quanto à frase, já emite período de mais de uma oração, utiliza elementos mais complexos ligados por preposições, usa conjunções como e para ligar orações e em seu vocabulário já se registra a presen-

ça de palavras mais abstratas como as com que nomeamos sentimentos, etc. (ex.: tristeza);

- c) como, neste nível, a comunicação já não é tão problemática, a linguagem gestual do indivíduo é apenas da expressão oral, como acontece com o ouvinte, embora continue a ter uma importância maior para o deficiente auditivo.

#### **NÍVEL V — Superior**

Seria o nível atingido por adultos sem distúrbios de comunicação ("normais"). Sua caracterização implicaria em discussões acerca dos vários critérios aplicáveis ao conceito de normalidade; não há necessidade de nos determos nisto para a realização dos nossos trabalhos atuais.

Em nossa pesquisa, os informantes foram solicitados não só a indicar as ocupações que julgavam compatíveis com a deficiência auditiva, como a dizer, dentro dessa "escala de níveis de comunicação oral", qual (quais) seria(m) o(s) nível(eis) mínimo(s) exigido (s) para um desempenho satisfatório da função. A Tabela 7 mostra quais as expectativas dos informantes a esse respeito.

Propositadamente solicitamos a nossos informantes que excluíssem de cogitação o Nível V, por se tratar já da comunicação isenta de distúrbios. Também aqui, o total de 472 discrepa do total de 327 da Tabela 3 porque, conforme o nível de exigência do informante, a mesma ocupação acabou sendo enquadrada, por vezes, em mais de um nível. Os resultados da Tabela 7 apontam que, grosso modo, cerca de 30% das profissões indicadas podem ser exercidas mesmo por indivíduos caracterizáveis no Nível I de comunicação oral, embora outros 30% exijam, no mínimo, o nível IV. De qualquer forma, cerca de 45,9% das indicações feitas por nossos informantes exigem apenas nível I ou II de comunicação oral, o que mostra que, mesmo quando o ní-



**TABELA 7**

DISTRIBUIÇÃO DAS OCUPAÇÕES INDICADAS PARA O DEFICIENTE AUDITIVO, PELOS NÍVEIS DE COMUNICAÇÃO ORAL

| Níveis                 | Ocupações indicadas   | N.º | %     |
|------------------------|-----------------------|-----|-------|
| I — Recepção Emissão   | } mínimas             | 156 | 33,0  |
| II — Recepção Emissão  | } inferiores          | 61  | 12,9  |
| III — Recepção Emissão | } média para inferior | 114 | 24,1  |
| IV — Recepção Emissão  | } média para superior | 141 | 29,8  |
| V — Recepção Emissão   | } superiores          | —   | —     |
| TOTAL                  |                       | 472 | 100,0 |

vel de comunicação é restrito, ainda assim existe para o deficiente auditivo possibilidade de absorção no mercado de trabalho. É preciso não esquecer, porém, que estamos lidando com ocupações que em sua maioria exigem pequena qualificação profissional, como já apontamos anteriormente. De qualquer forma, os dados da Tabela 7 não deixam de ser animadores.

Ao mesmo tempo eles procuram chamar a atenção para um fato extremamente importante no encaminhamento profissional de um deficiente auditivo: é o fato de que qualquer encaminhamento para ser completo deve incluir não apenas uma sondagem dos interesses individuais do sujeito mas também, e sobretudo, uma caracterização diagnóstica de sua capacidade de comunicação.

Finalmente, estamos em condições de refletir sobre a última questão que propusemos ao iniciar a discussão dos resultados da pesquisa.

#### C) COMO PREPARAR PROFISSIONALMENTE O DEFICIENTE AUDITIVO?

A questão de saber se o deficiente deve ser formado em instituições especiais, classes especiais ou em classes comuns é uma questão pendente ainda hoje. Não pretendemos assumi-la aqui, por julgar que transcende em muito os limites de nosso trabalho.

Como já afirmamos, nossa intenção, ao arrolar os cursos profissionalizantes do Estado, foi colocar à disposição dos consumidores potenciais de nossa pesquisa, um repertório de alternativas que pudesse orientá-los, qualquer que fosse sua posição teórica acerca do tipo de educação mais conveniente para o deficiente auditivo.

Nesse sentido, e porque a recente promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases deverá trazer algumas alterações no campo, deixaremos de tecer considerações mais alongadas. Vamos limitar-nos a sumariar os dados do Quadro II da Parte III, através da Tabela 8.

**TABELA 8**

**DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE CURSOS E ESCOLAS PROFISSIONALIZANTES DO ESTADO DE SÃO PAULO, CONFORME O RAMO DE ENSINO E DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA**

| Ramo      | Dependência Administrativa | Cursos |       | Escolas |      |       |       |
|-----------|----------------------------|--------|-------|---------|------|-------|-------|
|           |                            | N.º    | %     | Cap.    | Int. | Total |       |
|           |                            |        |       | N.º     | N.º  | N.º   | %     |
| Indústria | SENAI                      | 48     | 40,3  | 17      | 30   | 47    | 21,5  |
|           | SESI                       | 1      | 0,8   | 5       | 8    | 13    | 6,1   |
|           | DEP                        | 46     | 38,6  | 23      | 89   | 112   | 51,3  |
|           | Sub-Total                  | 95     | 79,7  | 45      | 127  | 172   | 78,9  |
| Comércio  | SENAC                      | 20     | 16,8  | 3       | 1    | 4     | 1,8   |
|           | IEC                        | 4      | 3,3   | 42      | —    | 42    | 19,2  |
|           | Sub-Total                  | 24     | 20,1  | 45      | 1    | 46    | 21,0  |
| Total     |                            | 119    | 100,0 | 90      | 128  | 218   | 100,0 |

Embora não tenhamos conseguido esgotar o universo de escolas (\*) acreditamos ser bem representativo o número das 218 escolas profissionalizantes que localizamos. Tanto o SENAI como o SENAC têm mais cursos do que escolas, já que ministram várias modalidades de cursos rápidos. O inver-

so ocorre com o DEP e o IEC, sendo que o DEP ainda oferece variedade de cursos, 10 vezes maior que a do IEC. Aliás, o ensino industrial oferece 95 modalidades de curso e o comercial apenas 24, refletindo o dinamismo e o nível de especialização maiores do setor industrial.

## 2. CONCLUSÕES

As principais conclusões a que chegamos podem ser assim enumeradas:

A) Há um mercado de trabalho potencial para o deficiente auditivo.

Todavia, há necessidade ainda de uma política de esclarecimento público sobre o que

seja a deficiência auditiva, para que se possa substituir a velha imagem negativa por outra positiva, mais humana, completa e objetiva.

B) Na cidade de São Paulo, as maiores possibilidades de trabalho para o deficiente auditivo (demanda potencial) situam-se na área da indústria. São ainda ocupações que, em sua maioria, exigem níveis elementares de qualificação profissional e que podem

(\*) Não foi possível, por exemplo, obter a relação de escolas comerciais do interior do Estado.

ser exercidas, em boa parte, por deficientes auditivos portadores de níveis inferiores de comunicação oral.

Todavia, o encaminhamento profissional de um deficiente auditivo deve basear-se num diagnóstico tão completo quanto possível dos interesses, das aptidões e, sobretudo, do grau de comunicação do sujeito. Deve basear-se, também, num programa amplo de informações escolares e profissionais. Com isso, estaremos diminuindo os riscos de insucesso profissional.

C) No Estado de São Paulo, há uma ampla variedade de cursos profissionalizantes. Eventualmente, eles podem absorver o deficiente auditivo, ou servir de modelo para opções curriculares em instituições especializadas na educação e reabilitação da deficiência auditiva.

Todavia, é preciso que pais e educadores de deficientes auditivos tomem efetivamente a decisão e assumam a responsabilidade por uma preparação profissional que integre e não que marginalize o deficiente auditivo no mercado de trabalho.

Em resumo: os dados de nossa pesquisa têm um sentido hipotético-exploratório. Exploratório, porque representam apenas um ponto de partida. Investigações subsequentes são necessárias para confrontar, aprofundar ou reformular nossas conclusões; hipotético, porque cada profissão, cada curso que levantamos é uma hipótese de encaminhamento profissional. Só a realidade vai dizer se, nas condições sugeridas pelos empregadores consultados, um deficiente auditivo poderá ou não, desempenhar bem suas funções profissionais.

## CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

### PARTE I

- (1) KAYE, I. — Counseling Handicapped children and their parents, in *Handbook of counseling techniques*, N. Y., The MacMillan Co., 1963, p. 409.
- (2) FUSFELD, I. S. — *A Handbook of Readings, in Education of the Deaf and School implications*, Illinois, C. Thomas Publ. 1967, cap. XII, p. 177.
- (3) FUSFELD, I. S. — ob. cit., p. 178.
- (4) FUSFELD, I. S. — ob. cit., p. 178.
- (5) OLERON, P. — *Les sourds-muets*, Paris, PUF, 1969, p. 99.
- (6) NIWA, S. I. — *Opportunities for Deaf Trainees in the Regular Community*, International Research Seminar on Vocational Rehabilitation of Deaf Persons, Washington, June, 1968 (mimeografado), p. 17.

### PARTE II

- (7) cf. PERELLO E TORTOSA — *La sordo mudez*, B. Aires, s/d.
- (8) FUSFELD, I. S. — ob. cit., p. 179.
- (9) SELTZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M.; COOK S. M. — *Métodos de Pesquisa das Relações Sociais* — São Paulo, Editora Herder, 1965, p. 63.

### PARTE III

- (10) MORRIS, W. et al. — *The Information Service in Guidance*, Chicago, Rand McNally and Co., 1965, p. 22-23.

- (11) SAMLER, J. — *Psycho-social aspects of work in Hopson B. and Hayes. The Theory and Practice of Vocational Guidance*, Oxford — Pergamon Press, 1968, p. 446-447.
- (12) GEIST, H. — *Ocupational Interest Profiles of the Deaf*, in *Personel and Guidance Journal*, 50-55; september, 1962.
- (13) GEIST, H. — *Medida de interesses vocacionais dos deficientes auditivos através de desenhos*, in Fufeld, I. S. — *A Handbook of Readings in Education of the Deaf and Post-School Implications*, Springfield, C. Thomas, 1967, cap. XII.
- (14) ARAUJO FILHO, M. L. — *Indústria Têxtil e Indústrias Químicas* — apud Fischlowitz, E. — *A formação profissional*, São Paulo, Pioneira Editora, 1966, p. 7.

### PARTE IV

- (15) SPINELLI, M. — *Encaminhamento profissional de indivíduos com deficiência auditiva: contra-indicações médicas*. (parecer técnico)
- (16) FUSFELD, I. S. — ob. cit., p. 179.
- (17) *Conclusões do Grupo de Estudo n.º 10, in Planejamento para o Progresso Social — Anais do Congresso*, Rio de Janeiro, CBCISS, s/d, p. 264.

## RESENHAS

GAGNÉ, Robert M.

### Como se realiza a aprendizagem

Ao Livro Técnico S/A - Rio de Janeiro - 1971

Tradução de Maria Therezinha Ramos Tovar

Título original: *The conditions of learning*

270 páginas

O Prof. Gagné é diretor de Pesquisa do American Institutes for Research, em Pittsburgh, Pennsylvania, USA. Seu livro destina-se especialmente àqueles que trabalham com ensino e educação.

O ponto de vista defendido pelo autor é de que existem tantos tipos de aprendizagem quantas sejam as condições que para eles possamos distinguir, e que portanto, até o momento, não podemos falar em leis gerais. As várias teorias existentes são representativas de tipos particulares de situações de aprendizagem e portanto explicam apenas parte do conjunto das capacidades humanas aprendidas. Reduzir essa explicação a um único modelo teórico seria deixar de fora aspectos relevantes.

A partir desse ponto de vista Gagné define oito séries de condições que distinguem oito tipos diferentes de aprendizagem, a saber:

1. Aprendizagem de sinais
2. Aprendizagem de E - R
3. Aprendizagem em cadeia
4. Aprendizagem de associações verbais
5. Aprendizagem de discriminações múltiplas
6. Aprendizagem de conceitos
7. Aprendizagem de princípios
8. Resolução de problemas

Fica claro que o autor, embora proponha a classificação acima como passível de discussão, rejeita categoricamente a idéia de que a aprendizagem seja uma só. Ao contrário, afirma que cada tipo é diferente do outro pois se inicia a partir de um estado diferente do organismo e finaliza com uma capacidade diferente de realização.

Na distinção de cada tipo de aprendizagem, dois conjuntos de condições devem ser considerados: as relativas à pessoa que aprende (condições internas), e as relativas à situação de aprendizagem (condições externas).

Quanto às primeiras Gagné dá ênfase especial ao estado inicial do organismo em termos dos requisitos prévios para que ocorra determinado tipo de aprendizagem. Por exemplo, para adquirir uma cadeia verbal é preciso que, antes, o indivíduo tenha adquirido conexões de tipo E-R; para aquisição de conceitos é necessária a aprendizagem prévia de discriminações múltiplas; a resolução de um problema não pode ser satisfatoriamente aprendida antes de terem sido dominados os princípios envolvidos. Deste modo, a própria ordem na qual o autor apresenta os oito tipos de aprendizagem define uma hierarquia em termos de requisitos prévios ou estados iniciais do organismo na ocorrência da aprendizagem.

A grande contribuição do livro na consideração dessas condições internas refere-se ao planejamento da situação de aprendizagem. Planejar, neste sentido, significa estabelecer que tipos de aprendizagem se deseja produzir e analisá-la em termos dos requisitos prévios exigidos para sua ocorrência. O livro dedica muita atenção à estrutura de situações de aprendizagem, com exemplos esquematizados graficamente. Cada situação, por exemplo, a resolução de um problema, é estruturada hierarquicamente para estabelecer os princípios, conceitos, discriminações, etc., envolvidos, o que define o ponto de partida da estratégia de ensinar.

Em relação a condições externas o autor distingue três componentes: a situação estimuladora, isto é, os objetos ou ocorrências que constituem o foco de interesse da aprendizagem; a comunicação verbal empregada para informar o objetivo da aprendizagem e dirigir a atenção da pessoa que aprende; e o "feedback" por meio do qual se informa se o objetivo foi ou não atingido.

Os três últimos capítulos do livro destinam-se à discussão desses aspectos da situação externa, que são diretamente relacio-

nados com o ensino. Trata-se de definir, para cada tipo de aprendizagem, o tipo mais adequado de situação estimuladora, levando-se em conta a motivação e o grau de transferência. Os principais problemas que se colocam ao planejamento de ensino são aqui abordados e discutidos: conceituação de sistema de ensino, definição dos objetivos da aprendizagem, controle da situação estimuladora, motivação, transferência e avaliação. A preocupação de Gagné é indicar em que os princípios da Psicologia da aprendizagem podem contribuir para solucionar esses problemas, deixando clara a sua importância nas decisões que devem ser tomadas pelos que trabalham na escola.

É esse caráter de funcionalidade que torna o livro de Gagné uma contribuição oportuna para professores e educadores em geral. Ele evita elaborar uma teoria de aprendizagem. Seu objetivo é sistematizar o que de mais importante se conhece sobre aprendizagem humana e a partir daí definir diretrizes para o ensino, procurando fundamentá-las com dados experimentais.

GUIOMAR NAMO DE MELLO  
FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

LAWTON, Denis

*Social Class, Language and Education*

Routledge & Kegan Paul - Londres - 1970

173 páginas

Dr. Lawton lecionou inglês numa escola secundária de Londres antes de ir trabalhar como pesquisador na Unidade de Pesquisa Sociológica do Instituto de Educação da Universidade de Londres. Atualmente é professor de "Estudos de Currículo" naquele Instituto.

O problema abordado pelo livro é de natureza sócio-educacional: a realização acadêmica insatisfatória de um grande número de alunos oriundos de classe operária, inferior na maioria das vezes à sua capacidade real. É enfatizada a responsabilidade tanto do "background" familiar (notadamente a li-

mitação lingüística) como da própria estrutura e organização da escola.

Procurando abranger os inúmeros processos subjacentes a essa sub-realização educacional, o autor desenvolve duas etapas de trabalho:

(1) uma revisão extensiva da literatura multidisciplinar referente ao assunto;

(2) uma análise de caráter especificamente sócio-lingüístico, com base nos resultados do seu próprio trabalho experimental sobre linguagem escrita e oral.

A primeira questão levantada refere-se a **diferenças sub-culturais na motivação educacional e atitudes em relação aos processos cognitivos**. Vários estudos que abordaram esse tema são aqui descritos e agrupados em função do nível de análise que desenvolvem. No plano mais geral dos valores e normas sociais, especial destaque é dado ao trabalho de Josephine Klein que sumariou e interpretou muitas das evidências sobre o problema das sub-culturas na Inglaterra. No nível mais específico de diferenças de classe social quanto à **organização familiar e práticas educacionais dos filhos**, a revisão da literatura vem indicar a existência de duas posições antagônicas: de um lado, os que como Alison Davis (1948) enfatizam as implicações educacionais das diferenças quanto à alimentação e treino de higiene; de outro, a colocação de Sewel (1961) e outros sobre a maior importância das diferenças quanto aos padrões de punição, permissividade para a agressão e atenção materna. Esta seção se encerra com o relato de alguns estudos que examinam essas diferenças sub-culturais com relação ao **estilo cognitivo**, com particular ênfase no trabalho de Josephine Klein sobre estrutura familiar, controle social e cognição e no McClelland sobre "motivação para realização".

A **relação entre linguagem e meio social** é também analisada. Estudos anteriores que haviam indicado importantes diferenças lingüísticas entre crianças de classe média e operária são revistos, visando ao inter-relacionamento das evidências empíricas já encontradas e à avaliação metodológica das medidas lingüísticas utilizadas. O autor inicia com um rápido relato dos estudos desenvolvimentistas da década de 30 (sumariados por McCarthy), nos quais critica a pouca atenção dada à evolução do pensamento conceptual e a pressão social, subjacentes à expressão verbal. Passa, a seguir, a analisar os numerosos trabalhos sobre lingüística e problemas educacionais motivados pelo crescente interesse que, a partir de 1960 cercou o tema "carência cultural". Detém-se mais pormenorizadamente nos trabalhos de Vera John (1962) e Martin Deutsch e colaboradores

(1964) por considerá-los pioneiros na abordagem das implicações teóricas das relações entre linguagem e pensamento, desviando-se assim da forma puramente descritiva dos estudos iniciais.

Tendo sido enfatizado que diferenças no "background" social estão relacionadas com diferenças no desenvolvimento lingüístico e na realização educacional, o foco de atenção é deslocado para as **implicações cognitivas dessas diferenças lingüísticas**, analisadas tanto do ponto de vista psicológico como sócio-antropológico. Ao rever a abordagem psicológica, o autor se propõe a discutir o problema da existência ou não de uma relação causal entre uso da linguagem e desenvolvimento cognitivo. É feita inicialmente uma síntese das teorias soviéticas (principalmente as de Pavlov, Vygotski e Luria) enfatizando, sobretudo, a importância de suas colocações sobre os aspectos sociais da comunicação e sobre o papel da variedade de contextos e experiências no desenvolvimento da linguagem e pensamento. A seguir, há um breve resumo da teoria de Piaget sobre esse tema, seguida de uma análise crítica de sua posição quanto à função da linguagem no processo de desenvolvimento cognitivo, em muitos aspectos divergente das colocações dos soviéticos e do próprio Lawton. Finalmente, breves referências são feitas aos trabalhos de Osgood, Brain, Skinner e Brunner. Também é digno de destaque, o relato de alguns estudos empíricos, especialmente os referentes ao desenvolvimento cognitivo de crianças surdas. Por outro lado, a abordagem sócio-antropológica é discutida tanto em termos de estudos que tinham como tema vários aspectos da "hipótese da relatividade lingüística", como do ponto de vista de autores como Malinowski (1923, 1935) e J. R. Firth, que discutiram questões mais amplas sobre a controvérsia linguagem, cultura e estrutura social.

A revisão da literatura encerra-se com uma análise bastante pormenorizada do **trabalho de Basil Bernstein sobre classe social e linguagem**. Essa análise visa a mostrar o desenvolvimento dessa teoria sócio-lingüís-

tica, já que o próprio Bernstein nunca tentou integrar os seus primeiros e últimos ensaios. O trabalho é dividido em três partes: (1) os primeiros ensaios teóricos (1958, 1959, 1961); (2) o relato da evidência experimental (1960, 1962); (3) o trabalho teórico posterior, que desenvolve e modifica a teoria básica (1964, 1965). A abordagem de Bernstein é apontada como o meio mais proveitoso de se encarar o problema da relação entre classe social e realização educacional e, em particular, para estudo das diferenças lingüísticas entre classes sociais.

O estudo experimental do autor, relatado no livro, investigou a fala e escrita de 4 pequenos grupos de alunos da escola secundária, oriundos das classes média e operária. Seu objetivo era replicar o trabalho de Bernstein sobre as diferenças de linguagem entre classes sociais nas situações de discus-

**MURRAY, E. J.**

### **Motivação e Emoção**

Curso de Psicologia Moderna

Zahar Editores - Rio de Janeiro - 1967

Tradução de Alvaro Cabral

Título original: **Motivation and Emotion**

177 páginas

Edward J. Murray é professor de Psicologia e Diretor do programa de Treinamento de Psicologia Clínica da Universidade de Syracuse, Estado de Nova York, EUA. Diplomado em Psicologia Clínica, é autor de livros e artigos sobre motivação e emoção.

Como o autor coloca no prefácio, este livro não tem por objetivo expor uma tese única sobre motivação e emoção. Ao contrário, apresenta uma síntese das principais teorias neste campo, dado que "ainda não foi elaborada uma estrutura teórica adequada para o comportamento humano".

Inicialmente, são apresentadas quatro concepções principais sobre motivação, numa abordagem rápida de suas origens e da situa-

ção em grupo, além de analisar o emprego da linguagem em outros tipos de contexto (linguagem oral em situações de entrevista individual e linguagem escrita). O autor conclui que seu estudo não só confirma os resultados de Bernstein quanto à situação de discussão em grupo, como mostra a importância, nessa área de investigação, de se estudar o uso da linguagem em diferentes contextos.

O livro termina com uma análise crítica de alguns programas de intervenção e enriquecimento proposto nos EUA e na Grã-Bretanha. Com base na literatura revista e no próprio trabalho experimental, Lawton propõe algumas direções a serem seguidas por todos aqueles que se empenham na superação do problema.

LEA MARIA CHAGAS CRUZ

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

ção atual, e que são retomadas no decorrer de todo o livro.

1) **Teorias cognitivas** — a idéia básica destas teorias encontra-se na filosofia Antiga, Medieval e Moderna. Entre os psicólogos atuais que adotam um critério essencialmente cognitivo para abordar os problemas da motivação está G. A. Kelly.

2) **Teorias hedonistas** — podem ser atribuídas em suas origens aos antigos filósofos e alcançaram grande projeção nos séculos XVIII e XIX. Ressurgiram recentemente em versões mais refinadas nos trabalhos de P. T. Young e D. McClelland, que trabalharam com medidas objetivas de comportamento de aproximação e fuga, ao invés de relatos subjetivos sobre prazer e dor.

3) **Teorias do instinto** — o verdadeiro início das teorias científicas sobre motivação foi devido à tese de Darwin, que retomou a noção de instinto, cujas origens também remontam à antiguidade. Por volta do começo do século, teóricos como W. James, S. Freud e W. McDougall desenvolveram a teoria do instinto como um importante conceito explicativo, sofrendo críticas severas de J. Watson e outros da escola Behaviorista, ao lado de diversos antropólogos culturais. Na atualidade, estas teorias foram retomadas por etologistas como N. Tinbergen e psicólogos como F. Beach, que estudaram o comportamento instintivo no laboratório, particularmente em organismos inferiores.

4) **Teorias do impulso** — o conceito predominante, no momento atual, é o de impulsos, apresentado em 1918 por R. S. Woodworth e em muitos aspectos semelhante ao anterior, embora tenha sido mais aceito porque se fundamentou em experiências controladas e foi definido operacionalmente. Estas teorias se desenvolveram muito com o conceito de homeostase de W. B. Cannon (1932).

E. Murray expõe sucintamente como os motivos podem ser medidos e sua relação com diferentes espécies de comportamento (aprendizagem, percepção e atenção, memória, pensamento...).

Analisa os motivos homeostáticos e o motivo sexual, tanto sob o enfoque fisiológico como psicológico, procurando distinguir entre necessidade fisiológica e impulso psicológico.

Apresenta dados experimentais que tentam mostrar como algumas espécies de motivos (sensoriais, de curiosidade, de atividade e manipulação, cognitivos) parecem ser independentes de outros motivos, não são explicados de modo convincente pela motivação derivada e envolvem um comportamento intrinsecamente motivado. Este último conceito provocou um reexame dos conceitos básicos no domínio da motivação. Foram propostos outros como por exemplo primazia do

comportamento de R. S. Woodworth, motivação para competência de R. White.

Ao tratar do problema da motivação derivada, o autor se refere à teoria Freudiana, ao conceito de autonomia funcional de G. Allport e à teoria dos impulsos e recompensas adquiridos de N. E. Miller, que é considerada a tentativa de explicação mais sistemática. Ela difere das anteriores por dar mais destaque ao mecanismo de derivação, tentando uma verificação experimental.

Nos últimos capítulos, o autor trata da motivação social, apresentando dados experimentais que tentam explicar motivos sociais inatos e focalizando o desenvolvimento destes segundo três posições: teoria de Freud, teoria da canalização aprendida de motivos de N. E. Miller e conceito de canalização de Pierre Janet, desenvolvido por G. Murphy.

Os motivos sociais são analisados por E. Murray na medida em que influenciam o comportamento, referindo-se de modo especial aos motivos de realização e filiação de H. A. Murray e amplamente estudados por D. C. McClelland, T. E. Shipley e J. Veroff, cujos métodos de investigação são um prolongamento da análise do T. A. T. de H. Murray.

Finaliza com uma breve referência à hierarquia de motivos de Abraham Maslow.

Ao introduzir o problema da emoção, o autor focaliza quatro teorias:

1) O pensamento filosófico do Século XIX.

2) A teoria James-Lange, de W. James e C. Lange, que desafiaram a posição clássica por volta de 1884 e trataram da relação entre experiência emocional e reações do corpo.

3) Uma nova explicação para o fenômeno proposta por W. Cannon, um dos prin-



cipais críticos da teoria James-Lange que trabalhou com animais dentro de uma metodologia experimental.

4) Uma hipótese para a questão das relações entre experiência emocional e expressão corporal, levantada por M. Arnold, que sugeriu uma seqüência explicativa do processo emocional. Esta teoria se destaca por definir emoção num sentido motivacional, ou seja, considerá-la como um motivo externamente despertado com importantes acompanhamentos corporais.

O livro nos pareceu útil para aqueles que desejam ter uma visão global do que foi e está sendo feito no campo da motivação e emoção ou para os que estão iniciando o estudo da Psicologia. Para completar e aprofundar idéias de cada capítulo é fornecida uma bibliografia selecionada no final do livro. As diversas teorias são ilustradas com exemplos de observações ou pesquisas, relatados numa forma clara e com a indicação precisa da fonte.

NARA MARIA GUZZELLI BERNARDES  
FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

## NOTICIÁRIO

### DEPARTAMENTO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DA FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

#### Pesquisador Associado

Constituído em meados do ano passado, o Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas vem desenvolvendo trabalhos de pesquisa no campo da educação, com uma equipe de pesquisadores e pesquisadores-associados.

Essa equipe passou a receber, a partir de janeiro último, a colaboração da Prof.<sup>a</sup> Nícia Maria Bessa, Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro; "Master of Arts" em Psicologia, pela State University of Iowa, especialização em Testes e Estatística na University of Southern California, University of Michigan e Michigan State University.

O projeto sob a responsabilidade da Prof.<sup>a</sup> Nícia Maria Bessa é o seguinte:

#### "Rendimento escolar no 1.º ano do segundo grau e variáveis correlatas"

**Resumo:** Trata-se de estudo preliminar à construção de testes de orientação educacional, para alunos do último ano do ensino fundamental. Dada a diversificação de currículos, no ensino de 2.º grau, a previsão do rendimento escolar dos alunos dos vários currículos é de especial importância. Através de técnicas de análise discriminante e de análise de regressão múltipla, o estudo pretende determinar algumas variáveis que explicam:

- a) as possíveis diferenças entre alunos dos currículos profissionalizantes (áreas da indústria e do comércio) e secundário;

- b) o rendimento, no 1.º ano do segundo grau, em Matemática, dentro de currículos afins;

- c) o rendimento escolar, em geral, dos alunos de cada área do currículo.

#### Simpósio sobre Planejamento da Educação

A Fundação Carlos Chagas está organizando um Simpósio sobre Planejamento da Educação que terá lugar durante a XXIV Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência a realizar-se na Cidade Universitária, em São Paulo, de 2 a 8 de julho do corrente ano.

Com esse simpósio, pretende-se trazer à discussão temas de grande importância e atualidade relativos ao planejamento da educação. Para participar desse conclave, estão sendo convidados profissionais altamente qualificados, especialistas nos diversos campos considerados, que farão comunicações segundo o seguinte programa:

1. Planejamento da educação — conceito e fins.
2. Planejamento da educação e desenvolvimento.
3. Planejamento da educação e recursos humanos qualificados.
4. A utilização dos estudos de mercado de trabalho para o planejamento educacional do setor secundário.
5. Problemas econômicos no planejamento da educação.

6. Problemas demográficos no planejamento da educação.
7. Problemas de administração no planejamento da educação.
8. Tratamento das estatísticas educacionais para o planejamento da educação.
9. Planejamento da educação e financiamento internacional.

#### Contatos e Visitantes

O Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas tem recebido a visita de pessoas e representantes de instituições dedicadas a trabalhos no campo da educação, interessados nas atividades aqui desenvolvidas, ou em obter assessoria ou colaboração da Fundação Carlos Chagas.

Registramos, neste início de ano, a presença do Dr. Robert Tolman, da Universidade do Colorado; Prof. Gilberto Benitez Barrientos, da Universidade Nacional de Assunção;

Prof. Francisco del Olmo, da Universidade da Venezuela; Prof.<sup>a</sup> Beverly J. Chain, do Intermedia — a Christian Community Ministry; Dr. John Simmons, do Departamento de Economia da Universidade de Harvard; Sr. Rosson L. Cardwell, do American Institutes for Research; Verena Krupe, da Universidade de Heidelberg; Ute Johannsen, da Universidade de Hamburgo; Prof. José Martins Job, da UFRGS; Prof. Tarcízio Della Senta, do Curso de Pós-graduação da UFRGS e Dr. Luiz Carlos Uchoa Junqueira, da USP.

#### Doutoramento

No dia 21 de fevereiro último, Bernardete Angelina Gatti, do Departamento de Matemática da USP e Pesquisadora Associada da Fundação Carlos Chagas, obteve o título de Doutor em Psicologia, na Universidade de Paris VII (U. E. R. Sciences Humaines Cliniques), defendendo a tese "Le Conseil en Situation de groupe et l'approche non-directive — une expérience au niveau de l'enseignement secondaire".

### PUBLICAÇÕES

#### Edições da Fundação Carlos Chagas

Conforme autorização recebida do Institut International de Planification de l'Éducation, da UNESCO, a Fundação Carlos Chagas promoverá a edição portuguesa da série "Princípios de Planejamento da Educação", que aquela instituição vem publicando e de que já apareceram dezessete volumes, cada qual enfocando um aspecto desse assunto, de autoria de renomadas autoridades internacionais no campo.

#### Registro

- \* Candido Procópio Ferreira de Camargo — **IGREJA E DESENVOLVIMENTO**, Edições Cebrap/Editora Brasileira de Ciências, São Paulo, 1971.
- \* Elza Berquó, Candido Procópio F. Camargo (ed.) — **DIFERENCIAIS DE FERTILI-**

DADE, Caderno 1, Cebrap, São Paulo. (1971)

- \* Lucio Kowarick — **ESTRATÉGIAS DO PLANEJAMENTO SOCIAL NO BRASIL**, Caderno 2, Cebrap, São Paulo. (1971)
- \* Paul I. Singer (com colaboração de Frederico Mazzucchelli) — **FORÇA DE TRABALHO E EMPREGO NO BRASIL: 1920-1969**, Caderno 3, Cebrap, São Paulo, 1971.
- \* Fernando Henrique Cardoso, Francisco C. Weffort, Hugh M. Lacey, José Arthur Giannotti — **SOBRE TEORIA E MÉTODO EM SOCIOLOGIA**, Estudos 1, Edições Cebrap/ Edit. Brasileira de Ciências, São Paulo, 1971.
- \* Fundação Getúlio Vargas, ISOP, Centro de Estudos de Testes e Pesquisas Psicométricas. (CETPP) — **TESTES DE DE-**

**SENVOLVIMENTO EDUCACIONAL**, planejamento e supervisão de Nícia Bessa, 3 vol. (1. Manual; 2. Relatório Técnico; 3. Alunos do Curso Colegial: planos e características sócio-econômicas).

\* Cláudio de Moura e Castro — **EFICIÊNCIA E CUSTOS DAS ESCOLAS DE NÍVEL MÉDIO: UM ESTUDO PILOTO NA GUANABARA**, IPEA/INPES, Rio de Janeiro, 1971.